REVISTA PORTUGUESA DE ARTE E TURISMO
PANORAMA
NÚMERO 22
ANO 4.º - 1944

CONHEÇA A SUA TERRA...

... CONHEÇA-A O MELHOR QUE PUDER!

DE NORTE A SUL...

POR TÔDA A PARTE DEVERÁ EXIGIR QUE LHE SIRVAM OS VINHOS DA

SEDE EM GAIA: TELEF. 3478 · FILIAL EM LISBOA: RUA DO ALECRIM, 117, TELEF. 22559 · DEPÓSITO NO PÔRTO: RUA DE ENTREPAREDES, TELEF. 440

Personalidade

D'EUXLAY

PARFUMEUR À PARIS

VOUS SOUHAITE
UN JOYEUX NOËL
ET UNE BONNE ET
HEUREUSE ANNÉE
DANS LA PAIX ET
LA PROSPÉRITÉ

DISTRIBUIDORES

CONSÓRCIO GERAL DE PERFUMARIA, LIMITADA · TELEFONE 4 7957

L I S B O A

PARFUM COLOGNE ~ COLD CREAM ~ BRILLANTINE

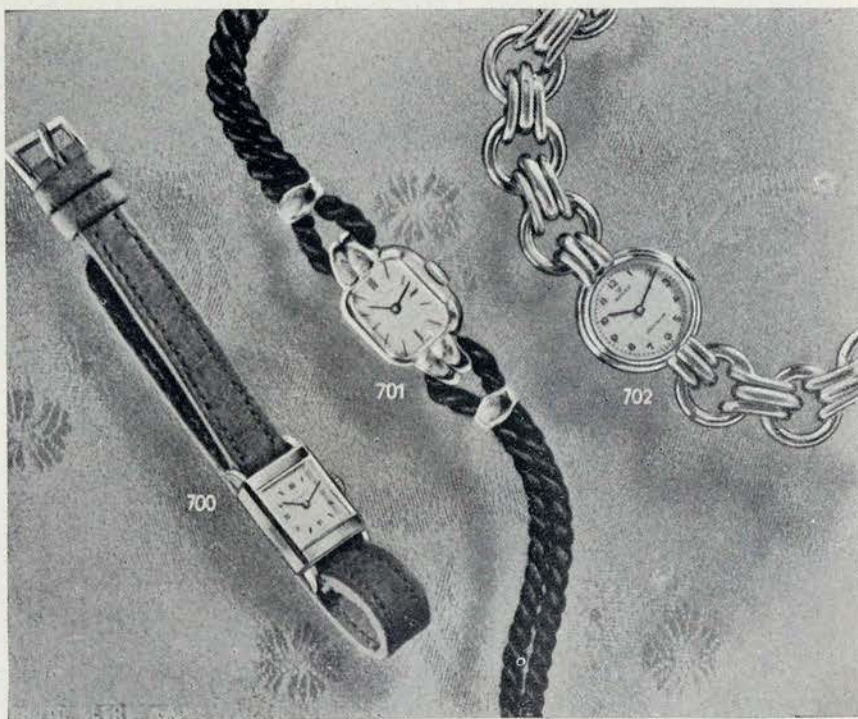
VANISHING CREAM ~ CRÈME À RASER ~ XX^e SIÈCLE

FLEUR BLEUE ~ LAVANDE ~ INTÉRIM ~ TRIOMPHE ~ GRIBOUILLAGE

A Página da Beleza

VELASQUEZ

As Meninas

Este fragmento de uma das mais belas obras do grande mestre espanhol representa a Infanta Margarida-Maria e a sua côrte no «atelier» do pintor, que se vê no segundo plano, defronte da sua tela, com a paleta na mão. Esta obra prima data de 1656 e encontra-se no museu do Prado.

700 *Princesinha "Sport"*

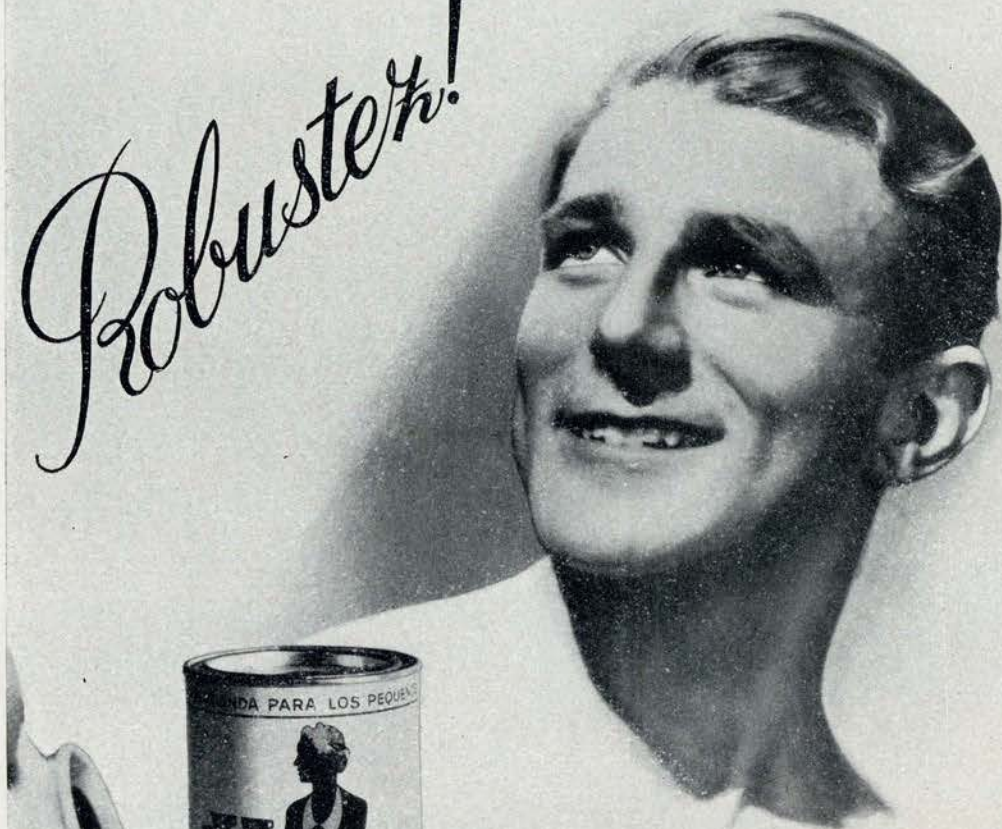
Para a vida ao ar-livre. Seguro movimento com 17 rubis. Em ouro maciço 18 ct. e em aço «Staybright».

701 *Princesinha*

A mulher elegante usá-la-á com a sua «toilette» de passeio. Movimento com 18 rubis. Caixa em ouro rosa, maciço, com duplo cordão de seda.

702 *Princesinha Real*

Esta bela criação, inteiramente em ouro rosa, 18 ct. salientará a elegância da vossa «toilette» de noite. Movimento «Precisão». Com pulseira de ouro, lisa no interior, muito cómoda e agradável.

"A Beleza ao serviço da Precisão"

Robustez!
DA PARA LOS PEQUE
NESCAO
Fácil de preparar, de sabor agradável, é um excelente reconstituínte altamente nutritivo e de notável digestibilidade. O alimento ideal para colegiais, desportistas, jovens mãis, enfraquecidos, débeis, convalescentes e pessoas idosas.
NESCAO é um produto NESTLÉ
A marca que inspira confiança
NESCAO

CASA FUNDADA EM 1842

O VELHO PÔRTO NIEPOORT SABE... A QUEM SABE

NIEPOORT & C.ª — Rua da Nova Alfândega, 15, 1.º — Pôrto — End. Teleg.: Niepoortco — Telef. 28 — Representante no sul do País: J. NUNES DA SILVA — Rua do Corpo Santo, 16, 1.º — Lisboa — End. Teleg.: Saliswine — Telef. 25498

Aqui se aconselha...

O candeeiro eléctrico, pela sua necessidade de uso, toma obrigatòriamente parte no conjunto duma casa. Assim, ao comprá-lo, escôlha um que constitua um motivo valioso de decoração. Antes de se decidir por qualquer, visite a FÁBRICA DE CANDEEIROS ELÉCTRICOS, COSTA & MORAIS, LDA., na Rua Serpa Pinto, 1, Lisboa, onde encontrará lindos candeeiros de cristal, ferro forjado, cromados, dourados e *abat-jours* de modelos modernos para todos os géneros.

É sempre preocupação a escôlha de um brinde valioso que se deseja oferecer. Aqui o aconselhamos a que visite a OURIVESARIA CORREIA, na Rua do Ouro, 245-247 em Lisboa, onde pode escolher entre a enorme variedade de filigranas, pratas e jóias de fino gôsto, o brinde com que deseja presentear a pessoa da sua amizade. Variedade, qualidade, economia... — Veja primeiro as montras e entre. Verá que logo encontra o que deseja, a preços acessíveis.

Entre as casas que em Lisboa têm à venda a melhor e maior variedade de produtos de beleza, destaca-se a PERFUMARIA DA MODA, na Rua do Carmo, 5 e 7. Confirmam o que dizemos as numerosas senhoras de bom gôsto que preferem fazer ali as suas compras dos PRODUTOS HARLÉSS, de que aquela perfumaria é depositária. HARLÉSS — são perfumarias de grande classe e, por isso, se explica a enorme procura que têm.

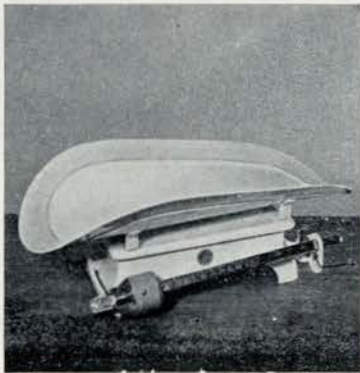
Tome nota desta firma e do seu enderêço: GUEDES SILVA & GUEDES, LIMITADA — 32, Rua Eugénio dos Santos, 34, em Lisboa, telef.: 2 3746. Aqui, nesta casa da especialidade, encontram os interessados não só imensa variedade de FERRAGENS para a construção civil, em todos os estilos, como ainda enorme sortido de FERRAMENTAS. Guedes Silva & Guedes, Lda., aceitam também encomendas para CROMAGEM em todos os metais.

que leia, veja e compre

ESTA fotografia é de uma bonita jarra decorativa, da acreditada FÁBRICA DE CERÂMICA VIUVA LAMEGO, LDA., no largo do Intendente, 14 a 25, em Lisboa. Nesta fábrica, que foi fornecedora das Exposições Internacionais de Paris e de Nova York, executa-se enorme variedade de azulejos de padrão artístico (género antigo), louça regional, faianças artísticas, vasos de louça para decoração e ainda louça de barro vermelho, manilhas e outros acessórios.

HELVETIA — VELOX — GRETA, são os nomes de três marcas de lâminas suíças para barbear. A magnífica qualidade do aço empregado no seu fabrico dá bastante duração a estas lâminas. Vendem-se de diferentes modelos para os diversos tipos de máquinas. Pedidos a Azevedo & Pessi, Lda., Rua Nova do Almada, 46, Lisboa, Telef. P. A. B. X. 2 9879.

A presença no lar de um excelente divã, de um bom colchão de arame, de sumaúma, lã, cortiça ou crina, que provoque um sono reparador é sempre um motivo agradável pela comodidade. Por isso aqui se aconselha uma visita à casa VIEIRA CAMPOS (antiga Casa Figueiredo), na Rua da Prata, 215 a 217, em Lisboa, especializada desde 1864 no fabrico de DIVÃS, COLCHÕES DE ARAME e outra COLCHOARIA.

O INSTITUTO PASTEUR DE LISBOA, modelar organização de produtos medicinais, não dedica a sua actividade ùnicamente à preparação de especialidades farmacêuticas. Possui também uma secção onde se fabrica cuidadosamente diverso MATERIAL CIRÚRGICO E SANITÁRIO. A foto mostra um modêlo de balança para a pesagem de crianças, fabricado naquelas oficinas.

OS PRODUTOS

DE BELEZA

THO-RADIA

FAZEM PARTE DA

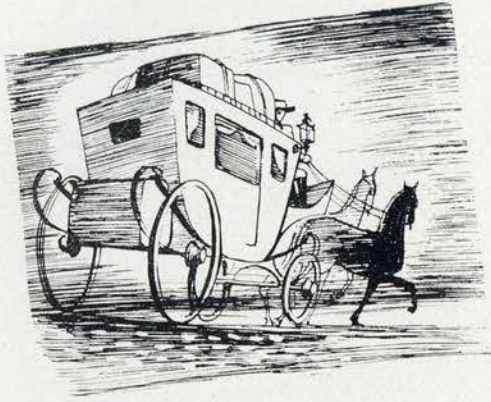
SUA TOILETTE

★

COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

SERVIÇO DE CARGA E PASSAGEIROS

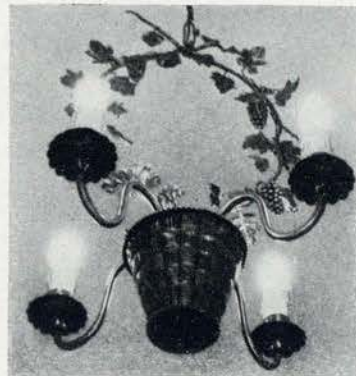
LISBOA – RUA DO INSTITUTO VERGÍLIO MACHADO, 14 · PÔRTO – RUA INFANTE D. HENRIQUE, 9

A HIGIENE CIENTÍFICA DA BÔCA

Antigamente, viajar era um sacrifício não só pela demora como pela falta de comodidade. Hoje, a rapidez e a comodidade conjugam-se nos magníficos "auto-cars" da

EMPRÊSA DE CAMIONAGEM

CAPRISTANOS

Aqui se aconselha...

TABOT — *cabeleireiro visagiste* — na Rua Aurea, 170-1.º, apresenta os seus produtos de estética: Cremes de dia e de noite, loção epidérmica, pó de arroz, rouges, brilhantinas, verniz para unhas, creme de massagem, água desincrustante, etc. Tem tôdas as especialidades para tratamentos e conservação de Beleza. Use os produtos de estética do VISAGISTE TABOT.

NESTA quadra festiva do ano é sempre grande preocupação e difícil a escôlha de um brinde a oferecer às pessoas de amizade. Por êsse motivo aqui lhe sugerimos que pode escolher e adquirir um bom e utilíssimo presente, entre a enorme variedade de excelentes TRABALHOS EM FERRO FORJADO — candeeiros, mesas, candelabros, cinzeiros, grades para interiores, etc. — fabricados na CASA ESTEVES, Rua das Amoreiras, 88, em Lisboa.

OS cremes de beleza SEMIRAMIS, pela maneira cuidadosa como são preparados, pela finíssima qualidade e pureza das matérias utilizadas na sua constituição, dão plena garantia de êxito no tratamento racional da pele. Depósito geral: Rua Eugénio dos Santos, 27, 3.º Lisboa, Telefone 25 292.

O CHÁ CELESTE, de paladar delicado e aroma delicioso, é uma mistura de finíssimos chás, cultivados e preparados em Milange (África Oriental Portuguesa). Estas altas qualidades que distinguem o CHÁ CELESTE — são o motivo que o tornam sempre preferido. Não esqueça: CHÁ CELESTE. Bebê-lo uma vez é depois preferi-lo para sempre.

que leia, veja e compre

SE vai adquirir um lustre em cristal da Boémia, vidro Murano, bronze ou ferro forjado, não se decida por qualquer, sem ver primeiro os que se vendem nos estabelecimentos de JÚLIO GOMES FERREIRA & C.ª, LDA., na Rua do Ouro, 166 a 170, e na Rua da Vitória, 82 a 88, em Lisboa. Esta casa procede, ainda, a instalações frigoríficas, eléctricas e de iluminação, aquecimento, sanitárias, ventilação e refrigeração, etc.

MAIS LUZ E MENOS CONSUMO é o que os consumidores de energia eléctrica pretendem obter e sem saber como. Mas, nada mais fácil! Resume-se afinal a plena satisfação dêsse desejo no uso das lâmpadas TUNGSRAM KRYPTON. Esta lâmpada deve, sem dúvida, ser preferida, não só pela sua extraordinária economia de consumo, mas, também, porque dá uma luz intensa e brilhante.

DESEJA decorar a sua casa, dar-lhe um ambiente moderno? Procura reclamar e apresentar com bom gôsto os produtos do seu comércio ou indústria? Aconselhe-se no ESTÚDIO DE ARTE «STOP», na Rua Nova da Trindade, 6-A, telef. 28498, Lisboa, que lhe indicará quadros modernos, objectos de arte em cobre, ferro forjado, madeira, etc., que lhe dará desenhos de rótulos, embalagens, montras, cartazes, e cuidará de litografias e da publicidade.

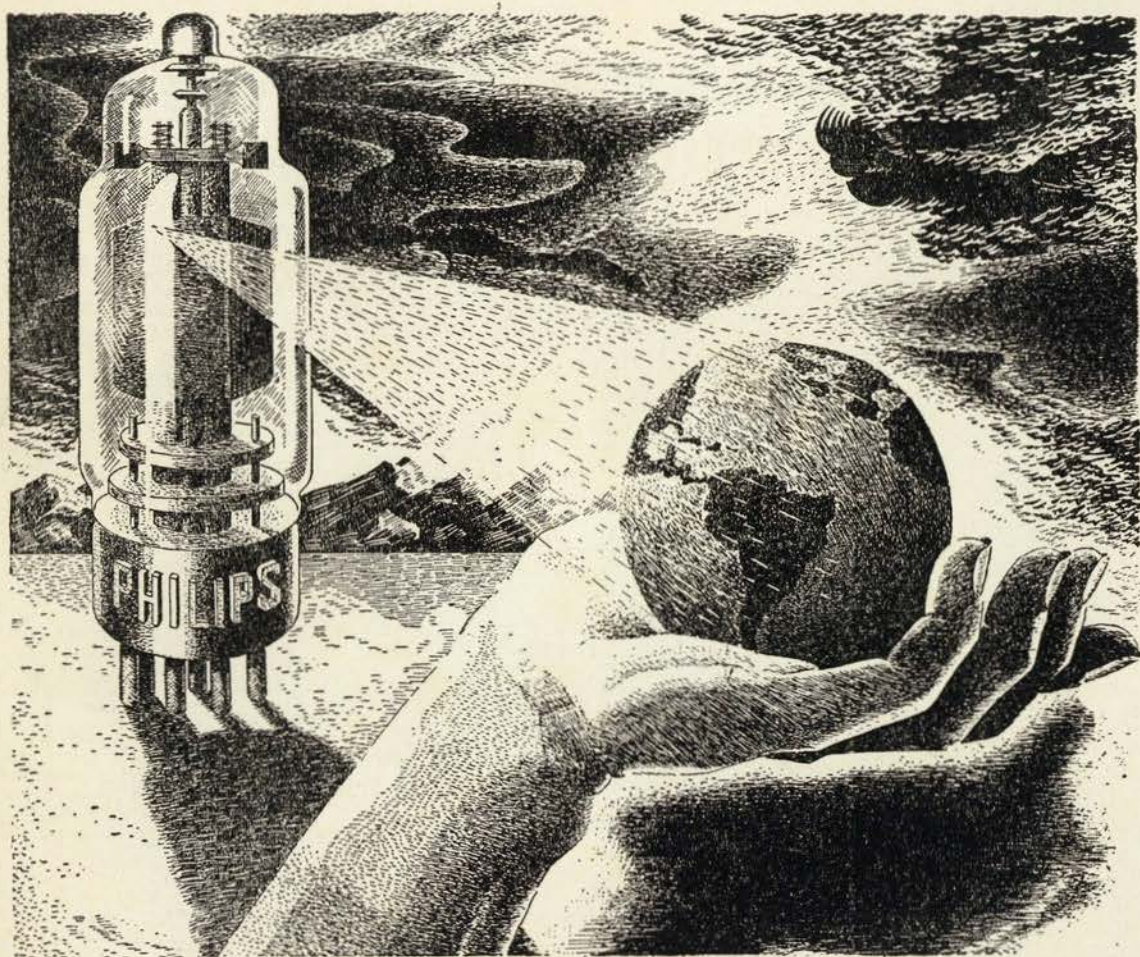
É bastante desagradável o efeito que produz uma pele de poros dilatados. E tanto mais, quando já não se justifica que se tenha a pele nesse estado. — O uso dos acreditados produtos ROSIPÓR, da Academia Científica de Beleza, veio definitivamente dar completa satisfação no tratamento da dilatação dos poros, a ponto de modificar profundamente o mau aspecto da epiderme. Então, não esqueça: *Produtos Rosipór para fechar os poros da pele.*

M^me CAMPOS

C.R.MIRANDA

Os povos da Europa

dependem uns dos outros. Investigadores e descobridores rivalizam nos seus esforços a bem da Humanidade. Também os produtos AGFA-FOTO mantiveram no quinto ano da guerra o seu reconhecido bom nome e satisfazem, como antes, as necessidades dos paises

Pregunte aó seu fornecedor habitual pelo infalível e produtivo filme

O QUE É A ELECTRÓNICA?

Na descoberta e domínio dos electrões a ciência deu ao mundo uma nova fôrça de carácter tão revolucionário que o seu raio de acção é virtualmente ilimitado. Por meio dum tubo de vácuo — um dispositivo de sensibilidade notável e de acção rápida — esta fôrça electrónica é conseguida para impor a nossa vontade.

Infalível, precisa e indo além dos cinco sentidos humanos, a electrónica abre e fecha portas, orienta navios e aviões, comanda máquinas, escolhe e separa cereais, combina côres e «vê» através da escuridão.

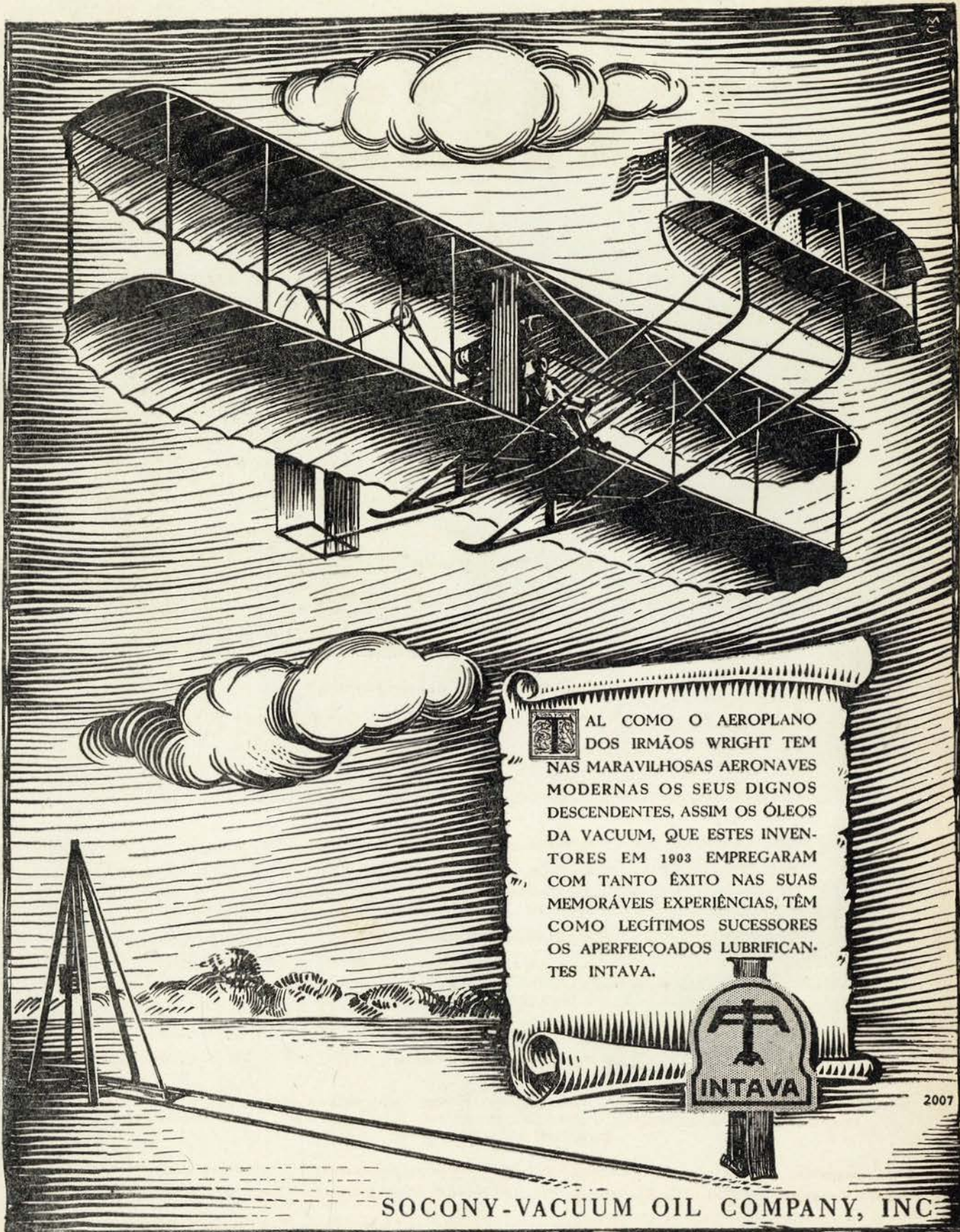
Da sua base saiu a Rádio, a Televisão, os Raios X, e a Luz Fluorescente.

Embora a Electrónica esteja desempenhando um papel primordial na guerra e venha a trazer num futuro próximo benefícios incalculáveis à Humanidade, ela não modificará o Mundo dum dia para o outro. Os Milagres estão ainda para além do Horizonte.

A «Philips» é uma das pioneiras da Electrónica; as suas fábricas nos países livres dedicam-se actualmente à produção de material electrónico para a guerra. Porém, depois da Paz, a «Philips» voltará a fornecer à Humanidade os benefícios práticos da Electrónica nas suas várias formas de Iluminação superior, Rádio e Televisão mais aperfeiçoadas, melhores Raios X e aparelhagem electrónica de qualidade insuperável.

PHILIPS

LÂMPADAS DE ILUMINAÇÃO — RÁDIO E TELEVISÃO — EQUIPAMENTOS DE EMISSÃO

DISPOSITIVOS ELECTRÓNICOS — RAIO X — ELECTRICIDADE INDUSTRIAL, ETC.

TAL COMO O AEROPLANO DOS IRMÃOS WRIGHT TEM NAS MARAVILHOSAS AERONAVES MODERNAS OS SEUS DIGNOS DESCENDENTES, ASSIM OS ÓLEOS DA VACUUM, QUE ESTES INVENTORES EM 1903 EMPREGARAM COM TANTO ÊXITO NAS SUAS MEMORÁVEIS EXPERIÊNCIAS, TÊM COMO LEGÍTIMOS SUCESSORES OS APERFEIÇOADOS LUBRIFICANTES INTAVA.
INTAVA
2007
SOCONY-VACUUM OIL COMPANY, INC.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
R. DE S. PEDRO DE ALCÂNTARA 45, 1.º - TEL. 2 9311 - LISBOA

PANORAMA

Revista Portuguesa de Arte e Turismo

EDIÇÃO DO SECRETARIADO NACIONAL DE INFORMAÇÃO E CULTURA POPULAR

NUMERO 22 ★ NATAL, 1944 ★ VOLUME 4.º

CAPA DE TOM — DESENHOS: DE OFÉLIA MARQUES, CARLOS BOTELHO E BERNARDO MARQUES — FOTOGRAFIAS: DE ALVAO, BELEZA, FERNANDO VICENTE, HORACIO NOVAES, ADRIANO LOPES VIEIRA, MANFREDO, PROFESSOR ROCHA BRITO E TOM.

Condições de assinatura para 6 números: Portugal (Continente, Ilhas Adjacentes e Províncias Ultramarinas), Espanha e Brasil: 45$00 — Estrangeiro: 70$00 — Distribuidor no Brasil: Livros de Portugal, Lda. — Rua do Ouvidor, 106, Rio de Janeiro

Capa e fotolitografias: Litografia de Portugal e Fotogravura Nacional, L.da — Gravuras: Bertrand, Irmãos, L.da e Fotogravura Nacional, L.da
Composição e Impressão: Tipografia da Emprêsa Nacional de Publicidade

PREÇO: 10$00

MEDITAÇÃO DO NATAL

A LITERATURA DA INFÂNCIA

POR ADOLFO SIMÕES MULLER

Não pode haver quadra mais apropriada do que esta — em que até os menos propensos às idéias religiosas sentem no ar um estranho perfume, de perturbante sortilégio — para se meditar sôbre o que é e deveria ser, talvez, a literatura da infância.

O Natal é, por excelência, o período das crianças, o parêntesis luminoso no ano povoado de dúvidas e de sombras. A véspera da noite em que se comemora o nascimento do Menino Jesus e o dia dos Reis marcam as fronteiras do reino maravilhoso dos petizes. Nestes quinze dias, imperam as fadas e os dragões. O absurdo dos contos infantis ergue a sua bandeira multicor no Castelo das Nuvens. Dir-se-ia que o mundo parou e que estamos em presença da invasão e do domínio do sonho e da fantasia. E é tal o poder mágico dêsse reinado que até nós, os adultos, nos deixamos seduzir por êle e nos vamos surpreender, muitas vezes, debruçados sôbre os livros coloridos e sôbre os brinquedos ingénuos e deliciosos, ou rememorando os contos da nossa meninice.

E sentimos então que poucas tarefas haverá tão meritórias como a de procurar satisfazer a ânsia de maravilhoso de tôdas as crianças, proporcionando-lhes aquêle mínimo de literatura de que necessitam para logo se erguerem, em pleno vôo, para a mais prodigiosa das aventuras.

Parece-me ter sido Agostinho de Campos quem escreveu, um dia, pouco mais ou menos

isto: «Dar de beber a quem tem sêde não é mais santo nem mais útil do que dar de cantar a quem não tem canções». E poderia, paralelamente, acrescentar: «E escrever livros para quem tanto deseja ler».

Mas note-se que bem pouco se requere para alimentar a imaginação juvenil. E' no «Kim» que Rudyard Kipling põe na bôca de um dos seus heróis esta frase: «Dêem a uma mulher uma história maravilhosa e a um pássaro-tecelão uma fôlha e um fio, e verão as coisas extraordinárias que êles urdem». Kipling teria ido muito mais longe, se se lembrasse, nesse momento, do mundo infantil que, aliás, mostrou compreender tão bem, nalguns dos seus admiráveis contos. Só quem nunca viu uma criança, horas inteiras, de olhos fitos numa simples estampa ou numa palavrinha mágica, poderá ignorar que isso basta para que, por um complexo mecanismo mental, ante ela se escancarare, como nova gruta de Ali Babá, o mistério ou o deslumbramento!

E' difícil exceder a perspicácia de uma criança, como afirma Léon Daudet, em «Le Monde des Images». Para lá das primeiras árvores da floresta, ela adivinha a caverna da Bruxa e os passarinhos encantados... O seu poder interpretativo é espantoso. Repare-se apenas como um petiz de três ou quatro anos, olhando para uma série de desenhos, procura relacioná-los e compor com êles uma história.

Não há necessidade, portanto, de grandes complicações na literatura infantil. Todo o livro para crianças deve suscitar a colaboração dos seus leitores, como se as idéias ou as histórias fôssem, até certos limites, comparáveis àqueles desenhos ponteados que o pequeno artista tem de completar.

Tristão de Ataíde advoga a literatura das próprias crianças. Não irei até aí, mas sinto que nas capas dos livros infantis se deveria escrever, ao lado do nome do autor, o do seu leitor, pois é êste que vai dar à obra o seu verdadeiro relêvo e a sua real extensão.

Outra coisa que o escritor de especialidade tem de conservar sempre presente é que não é indispensável recorrer às fadas para que as crianças aceitem o absurdo, como se aquelas fôssem o salvo-conduto, o passaporte que garante a entrada no país do maravilhoso e do inverosímil. E' por isso que Chesterton, embora diga num dos ensaios da «Ortodoxia» que «as coisas em que eu então mais acreditava e as coisas em que agora mais acredito são os chamados contos de fadas», reconhece que as criancinhas não precisam das fadas, mas apenas de contos. E explica:

«A simples vida já é demasiadamente interessante. Uma criança de sete anos ficará impressionada se lhe disserem que o pequeno Tomás abriu uma porta e viu um dragão; mas uma criança de três anos ficará já impressionada se lhe disserem apenas que o pequeno Tomás abriu uma porta».

Assim o deve ter entendido também Lewis Carrol, ao introduzir, com as suas obras, a lógica no absurdo, ao tranformar o sonho em herói dos seus contos.

Não há dúvida ainda de que a simplicidade do estilo tem de ser característica basilar dessa literatura. Não me esqueço de que uma garotita se me queixou, um dia, de que eu abusara, em certa história, dos parênteses... E' por isso talvez — porque a literatura infantil exige a total abdicação dos artifícios do estilo —, que raras vezes o escritor para adultos é um bom escritor para as crianças. O próprio Aquilino Ribeiro, que já lhes deu essas obras magníficas que se intitulam «O romance da raposa» e «Arca de Noé-III classe», poderia tê-las servido ainda melhor se soubesse impor-se o sacrifício do seu esplendor verbal que freqüentemente, entontecerá o pequeno leitor.

Em resumo, eu não hesitaria em subscrever, como directrizes fundamentais da actividade ideal do escritor para o mundo infantil, as que se reduzissem ao seguinte programa: obtenção do que se poderia classificar de estado de graça intelectual, pela pureza e elevação das intenções (se ninguém almoça de mãos sujas, ninguém deverá escrever para crianças de coração menos limpo); afirmação de humildade, ao pôr-se de lado todo o artifício da arte, para se transmitir, clara e íntegra, uma mensagem de vida e de beleza; e finalmente, a consciência de que a psicologia infantil não é, como disse Tristão de Ataíde, uma psicologia normal em ponto pequeno.

Na verdade, e para concluir esta breve meditação do Natal, não há que trazer a criança até nós: somos nós, pelo contrário, que, numa tentativa de reïnfantilização, precisamos de sentir à sua imagem e semelhança, de descer até ela, para que a nossa suba realmente e possa perdurar na imaginação doirada da infância.

DESENHOS DE OFÉLIA MARQUES

VISEU

Antiga e nobre cidade. Coração da Beira Alta

VISEU, capital da Beira Alta e uma das mais típicas cidades portuguesas, cuja origem se conta de muit antes da fundação da nacionalidade, está edificada numa altura planáltica, ponto de cruzamento de estradas, atalaia de vasta região. Desde longa antiguidade ali convergem importantes vias de comércio, que muitas vezes, em tempos passados, foram trilhadas por gente de guerra.

Viseu é, assim, o centro geográfico da fértil Beira Alta, da província portuguesa que além de rica de recursos económicos, detém, por factos históricos, altas tradições que se vêem somando desde os tempos dos heróis lusitanos até à nossa época.

«Teria Bruto Calaico feito erguer o formidável acampamento romano, que é conhecido pelo nome de Cava de Viriato — interroga o Professor Vergílio Correia — se Viseu não fôsse, de facto, o centro de uma extensa região que era necessário manter submissa sob a ameaça perene de uma guarnição legionária?»

A Cava de Viriato, entrincheiramento de forma octogonal de altos e extensos muros de terra precedidos de um amplo fôsso, onde se recolheu à protecção das suas defesas de guerra a primitiva

Fonte romana de charco, no Largo de Santa Cristina – Vista geral

povoação, não obstante ser de construção romana, tomou o nome do denodado chefe lusitano que, diz a tradição, em dura luta de libertação a tomou às guardas do comando do pretor Caio Negídio e nela se fixou, resistindo heròicamente, por muito tempo, aos embates das legiões romanas. Hoje, a face do octógono voltada para a estrada Viseu — S. Pedro-do-Sul, com a parte que ladeia o Campo da Feira, aproveitando o entrincheiramento, é aprazível logradouro público, largamente arborizado, cheio de sombras e recantos deliciosos.

Foram ainda os romanos que, mais tarde, transpuzeram o rio Pavia e lançaram os fundamentos da actual cidade, erguida num acidente do terreno em anfiteatro, com a mole granítica da velha Catedral na coroada, local primeiro de um crasto feito *oppidum* militar.

Quem, do alto do eirado da Sé Catedral, olhar sôbre a cidade — os séculos acumularam pela sua espaçosa área todo aquêle conjunto de moradias e monumentos que surge agora numa profusa mescla de estilos arquitectónicos — notará que esta se formou e foi-se alargando em seu redor, implantada como está no centro do aglomerado e na sua parte mais elevada com o ar inequívoco de fortaleza. Para lá sobem, em ladeiras violentas e em rodeios por entre o casario, as velhas ruas lajeadas do bairro da Sé.

FOTOS BELEZA

Praça Luiz de Camões — A Porta dos Cavaleiros

No seu desenvolvimento a cidade saíu da cêrca medieval e foi-se constituindo no sentido de um moderno agregado urbano. Vêem-se então vivendas e vastos edifícios de construção recente ladeando avenidas, ruas e praças desafogadas.

Viseu possui muitas antigas casas senhoriais. São numerosas as construções solarengas dos séculos XVI, XVII e XVIII, caracterìsticamente portuguesas, tanto na cidade como no seu têrmo e arredores (depois do Minho é a Beira Alta a província que mais solares estadeia) umas ostentando o exuberante *manuelino*, outras o barroco de aspecto sóbrio, nobremente tranqüilo.

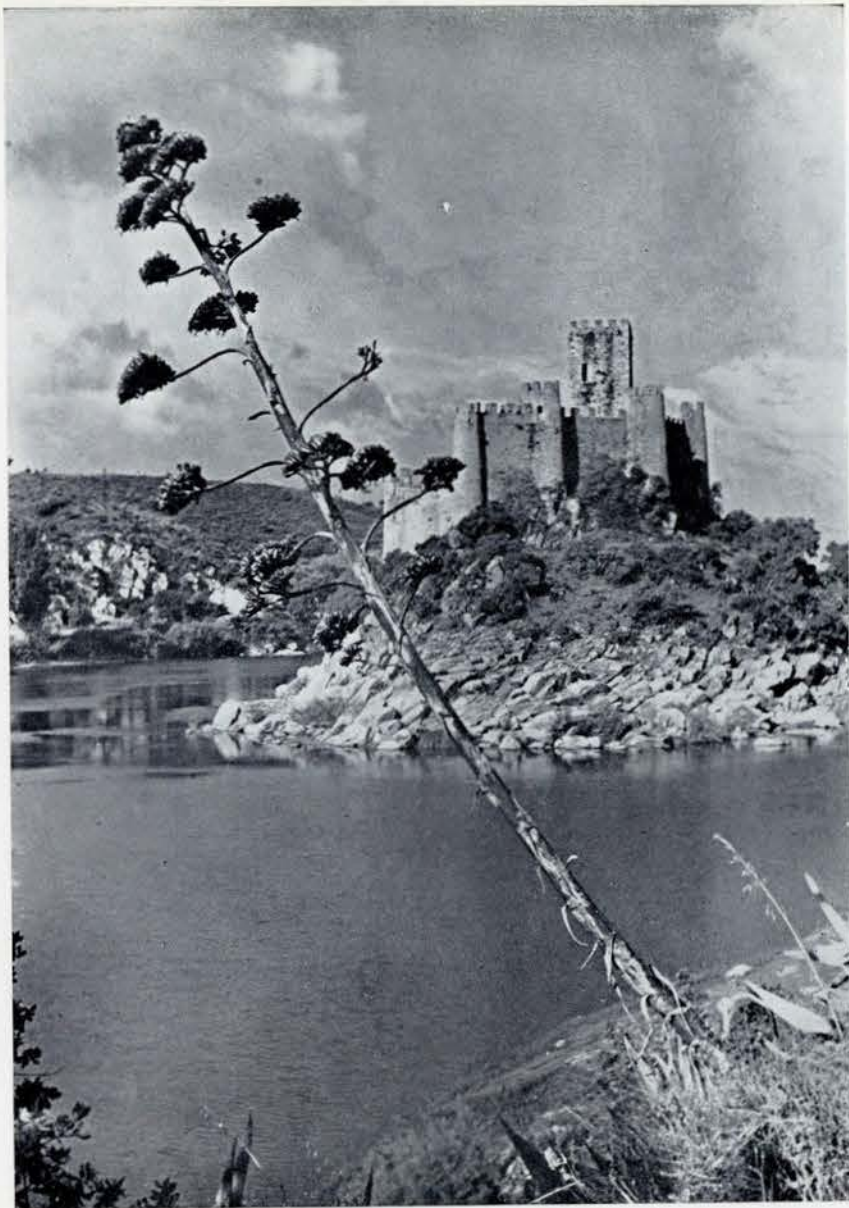
Entre as do século XVI destacam-se: — a *Casa do Miradouro*, quinhentista, com varanda e janelas geminadas ostentanto o brasão dos Ortiz; o trecho pitoresco que lhe está em face, formado por duas casas com alpendres, uma delas com passagem inferior por um arco de granito lavrado e orna-

Arco quinhentista — Casa do sec. XVI na Praça de Camões

mentado e o *Solar dos Gomes de Abreu*, onde na tôrre medieval está a mais notável janela manuelina das poucas que ainda restam em Viseu — é geminada e encima-a um brasão. Do século XVIII são de notar: — a *Casa do Arco*, com brasão na frontaria e no cunhal, cujo nome lhe foi dado pelo Arco dos Cavaleiros que lhe está encostado (porta da antiga muralha de D. Afonso V, existindo ainda noutro trecho da mesma muralha a Porta do Soar ou Arco dos Melos — século XV); a *Casa do Cruzeiro*, assim chamada pela cruz de granito, vasada e rendilhada que encima o portão brasonado; a *Casa de S. Miguèl*, dentro de um lindo parque com grandes buxeiros e árvores seculares; a *Casa das Bôcas ou Carrancas*, à qual foram adaptadas as gárgulas de granito provenientes da Catedral e que lhe deram o nome; a *dos Cardosos de Sequeira*, com guarnições de granito nas janelas e portas, sendo estas rematadas superiormente pelo brasão e a *Casa de Cimo de Vila*, com o vestíbulo, escadaria e capela revestidas de azulejos.

(Continua na página II)

FOTOS DE FERNANDO VICENTE

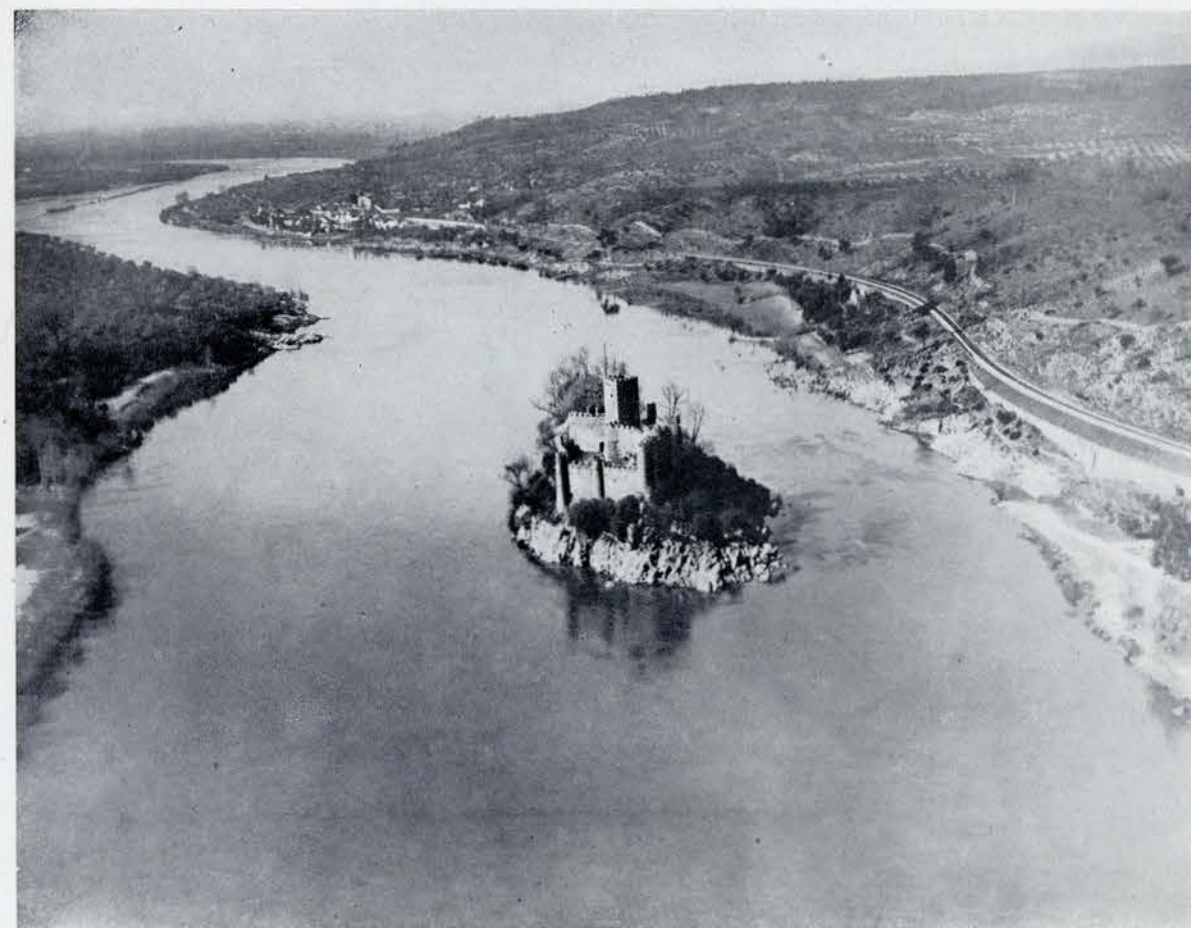
AINDA é freqüente, na capital do Norte, ver-se carros de bois ornados com belas cangas, como êste que reproduzimos na gravura de cima. ★ Quem fôr à Ria de Aveiro, poderá admirar a linha elegante dos moliceiros, de que damos, em baixo, um curioso perfil. ★ Ambas as fotografias são da autoria do Prof. Dr. Rocha Brito, infatigável e inteligente «caçador de imagens portuguesas».

O CASTELO DE ALMOUROL E A SUA LENDA

Ao passarmos de comboio pela Linha do Leste, ainda mal nos começámos a preparar para descer no apeadeiro de Almourol-Tancos, já ao longe, por detrás de uma curva do rio, se começam a distinguir as tôrres do vetusto Castelo de Almourol, bela relíquia do tempo dos valorosos Templários e linda jóia arquitectónica do centro de Portugal. Não há no nosso país outro castelo que a êste se possa assemelhar; nem os pequenos fortins marítimos nas suas linhas direitas do estilo Vauban, exigência da artilharia, debruçados sôbre lindos ancoradouros ou formosas praias, nem o conhecido Castelo dos Mouros, de Sintra, coroando as alturas de Serra sobranceira à vila. Almourol, pelo seu encanto maravilhoso que lhe dá a pequena ilha onde foi construído e pelas margens amenas do Tejo, transporta-nos aos tempos longínquos da cavalaria, fazendo-nos sonhar com os destemidos cavaleiros andantes e com as formosas e meigas damas da Idade-Média. Vêem-nos à memória as tão interessantes lendas sôbre a sua fundação e sôbre a vida dos seus habitantes.

A história da fundação dêste castelo de encanto e maravilha, cercado por altas muralhas ameiadas, defendido a oeste por quatro tôrres circulares colocadas a iguais distâncias e por cinco no ponto cardeal oposto e, dominadas pela majestosa Tôrre de Menagem, último recurso, última esperança e derradeira defesa dos defensores do Castelo — como dizia, a história da sua fundação perde-se na bruma dos tempos.

Supõe-se que os seus primeiros senhores foram lusitanos ou romanos, mas até ao ano de 1160, quando D. Gualdim Pais, mestre da Ordem dos Templários o mandou reedificar, nenhuns documentos históricos nos confirmam as suas variadíssimas e pitorescas lendas.

A esta fortaleza medieval do centro de Portugal, anda ligada uma lenda de amor, uma lenda de trágico amor palaciano e cavalheiresco, tìpicamente medieval, onde entra o cavaleiro, o senhor, a dama e o respectivo vilão.

Conta-se, que aí por volta dos séculos IX e X, um nobre senhor gôdo, chamado D. Ramiro, era proprietário do castelo e pai de uma formosa donzela de nome Beatriz.

D. Ramiro era um valente soldado mas também um rude homem, como de resto o eram todos os gôdos. Tendo de ir combater os mouros que ameaçavam a Cristandade e a integridade dos territórios submetidos pelos gôdos, D. Ramiro montou o seu corcel e partiu para os campos de batalha deixando inconsoláveis no castelo sua mulher e filha.

Nos campos de batalha D. Ramiro cometeu atrocidades sem nome contra os tão temidos infiéis, que ante o avanço cristão foram mais uma vez repelidos para o sul.

Terminada a peleja, D. Ramiro voltou para o castelo e ao aproximar-se do seu solar, já à vista das tôrres de Almourol deparou com duas mouras que vinham da fonte, mãe e filha, ambas tão lindas como D. Beatriz e sua espôsa. D. Ramiro pediu água à mais jovem e logo esta, atrapalhada por ter a honra de servir tão nobre senhor, deixou cair o cântaro no chão que se fêz em mil pedaços. Enraivecido pela atrapalhação da moça, o fidalgo deitou mão à espada e vibrou cutiladas sem conta nas duas infelizes mouras. Um pequeno mouro de onze anos, irmão e filho das vítimas do fidalgo, foi aprisionado e levado cativo para o castelo onde ficou sendo pagem de D. Beatriz.

Ao chegar ao solar senhorial, o jovem Ali jurou vingar a morte de sua família e escolheu para sua primeira vítima a espôsa do castelão.

Passaram-se anos, a droga que o jovem pagem ministrava nos alimentos da sua senhora produz os seus efeitos e, numa bela noite de verão a castelã exala o seu último suspiro. Suprimida a sua primeira vítima, Ali dirige os seus ódios contra a segunda, a jovem Beatriz, donzela dos seus dezóito

anos. Mas, quando se prepara para lançar a primeira porção de veneno. Ali constata com surprêsa que as suas mãos lhe não obedecem. Qual a razão desta súbita mudança?

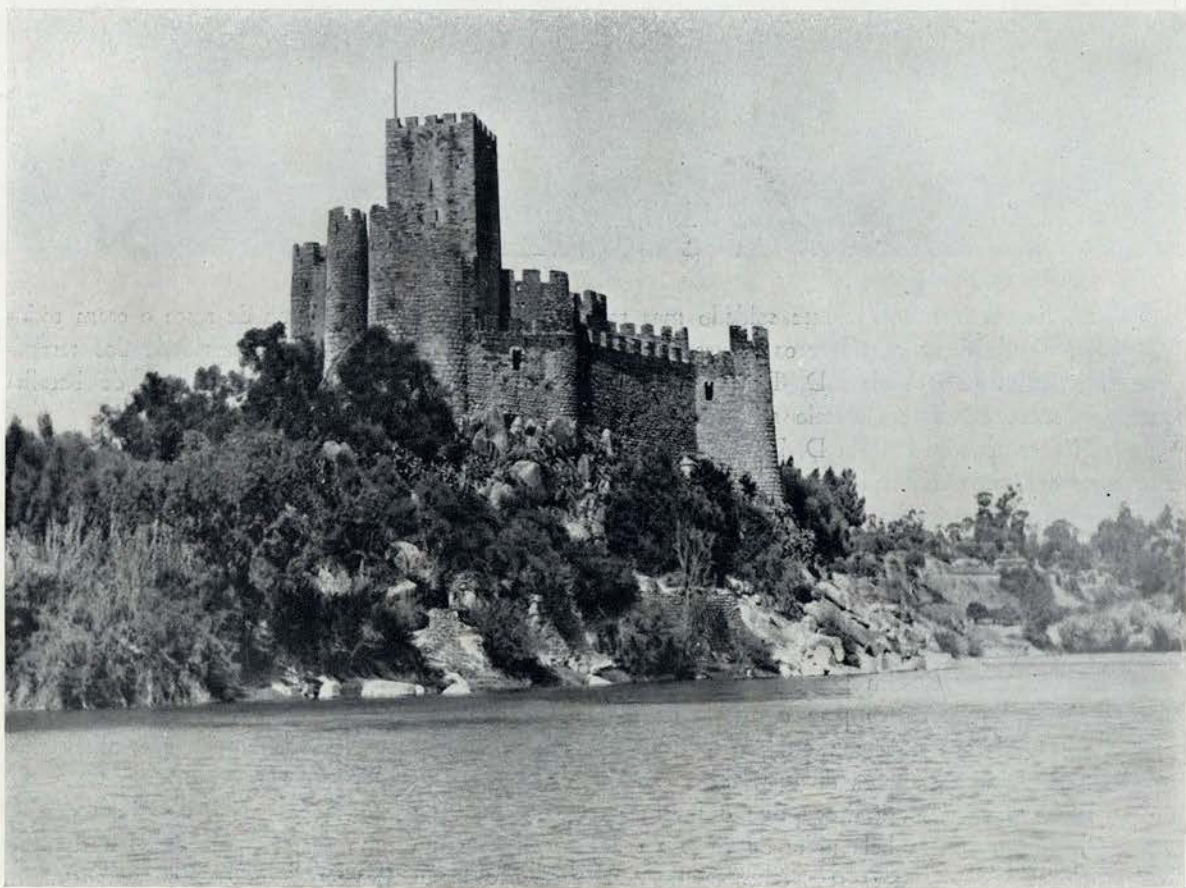
Alí crescera, agora em vez da idade de onze anos com que entrara no castelo, tinha já quási vinte e era um formoso moço com um perfil digno de um cavaleiro. Ali esquecera a sua vingança e apaixonara-se por D. Beatriz, filha do carrasco de sua mãe e irmã. Alvoroçado com a descoberta, o mouro correu para junto da sua dama e deitando-se-lhe aos pés conta-lhe a sua desdita. Mouro e cristã, Ali e D. Beatriz caem nos braços um do outro jurando eterno amor. Também a jovem castelã, apesar da diferença de religião e de estirpe se enamorara do jovem mouro. Amaram-se em silêncio longe de seu pai e senhor, e sòmente as ameias do castelo foram testemunhas, em noites de luar, dos idílio amorosos dêstes dois jovens de condições tão diferentes.

Um dia D. Ramiro traz ao castelo um seu amigo, senhor de um solar dos arredores a quem prometera a mão de sua filha.

Vendo que perdia a sua dama, Ali resolveu-se a desaparecer do castelo levando consigo D. Beatriz. Desde então, o mouro e a cristã nunca mais foram vistos, e a dor foi tão grande que levou o fidalgo gôdo em pouco tempo à sepultura, ficando desde então, até aos nossos dias, o castelo ao abandono.

Diz mais a lenda que, numa noite de S. João, apareceram na Tôrre de Menagem do castelo de Almourol, o mouro abraçado a D. Beatriz e D. Ramiro rogando-lhe de joelhos e implorando clemência tôdas as vezes que Ali soltava a palavra maldição.

É linda a lenda de Almourol e bem vale a pena lembrá-la em noites de luar ao contemplarmos do alto da Tôrre de Menagem as águas do Tejo acorrerem para oeste, as águas dêsse rio que, contemplou os amores de D. Beatriz e do mouro Ali.

CARLOS PEREIRA CALIXTO

ESTAMPAS RELIGIOSAS DO NOSSO POVO MARÍTIMO

Crença *é uma coisa:* crendice *é outra. O povo português, tanto o rural como o marítimo — mas dessa estirpe, talvez já rara, dos isentos da malícia e demais pechas citadinas — é profundamente crente. Isto não significa que seja impermeável à crendice, ou à superstição. Diremos, portanto, melhor assim: o nosso povo é crente e supersticioso. É crente nos actos sérios, nas horas culminantes da sua vida, quando os sentimentos atingem nêle a tensão mais alta e o sentido mais denso; supersticioso nos momentos frívolos ou, pelo menos, nos que não são tocados de dramatismo.*

Junto da gente do mar é que se observa melhor esta distinção, nem sempre evidente, mas sensível. A religiosidade é aí mais funda, de mais forte raiz tradicional. Por isso, menos espectaculosa. Haja em vista os nomes que os pescadores, em diversas praias do nosso litoral, inscrevem nas proas dos seus barcos; nomes quási sempre de Nossas Senhoras, *e demonstrativos da fé na providência divina e na protecção misericordiosa dos Santos: — «Vamos com Deus», «Deus te salve», «O Senhor*

tajude...» — e quantos outros! Èsses nomes são, muitas vezes, ilustrados com pinturas de inspiração religiosa, embora a mentalidade rudimentar dos seus autores não tema a colaboração de ornamentos profanos.
Outro sinal de que é mais intensa a religiosidade do povo marítimo — e que os maiores perigos que o ameaçam de certo modo justificam — está, por certo, na super-abundância de «ex-votos», em que alguns dos nossos museus regionais (como o da Povoa do Varzim) são extraordinàriamente ricos.
Mas onde mais se acentua a fé católica da nossa gente do mar, é na enorme quantidade de imagens religiosas — «estampas» ou «registos» — consagradas à Virgem, que sob uma infinidade de nomes venera: — Nossa Senhora da Nazaré, Nossa Senhora do Rosário do Barreiro, Nossa Senhora da Póvoa, Nossa Senhora do Pôrto Salvo, Nossa Senhora do Cabo, Nossa Senhora da Esperança, Nossa Senhora da Bonança, etc.
Essas imagens, muitas delas seculares, são sempre de autores anónimos e de factura popular, características evidentes no gracioso primarismo do desenho e na técnica

TRÊS «REGISTOS» CONSAGRADOS À VENERAÇÃO DE NOSSA SENHORA DA NAZARÉ

da execução. Imprimem-se, por via de regra, avulso, afim de serem, depois, emolduradas.

O mais antigo processo — a xilogravura, *ou gravura em madeira — foi o que deu feição mais diferenciadora a essa arte de sabor primitivo, porventura de inspiração autóctone, embora em muitas das espécies seja notória a influência erudita ou, até, a imitação e o decalque.*

A êsse processo seguiu-se o da gravura em cobre, a qual — no dizer do coleccionador

Três imagens veneradas pelos pescadores do nosso litoral: — N. S.ª do Pôrto Salvo, N. S.ª da Esperança e N. S.ª da Bonança

e especialista Cardoso Martha — «sendo menos exercitada, não é todavia de somenos interêsse que sua irmã mais velha, suposto que menos variada.» Finalmente — como diz o mesmo escritor — «a aparição da gravura química (zinco e fotogravura, e ainda a heliogravura e fototipia, pôsto que menos usadas) trouxe um golpe de misericórdia à velha gravura em madeira, popular e erudita».

Resta-nos, contudo, dêsses tempos da infância dos processos de factura e reprodução gráfica de desenhos, uma notável variedade de «registos», atestando, grando parte dêles, a forte e sentida religiosidade do nosso povo marítimo.

Os que publicamos neste número de «Panorama» pertencem a uma colecção particular que amàvelmente nos foi cedida — e que nos fêz pensar na conveniência de ser, juntamente com outras, impressa e comentada num álbum especial, a que estaria certo dar o título de «Estampas populares portuguesas» — e que sem dúvida teria, sob diversos aspectos, inestimável interêsse.

ROGÉRIO MENDES

FOTO DE MANFREDO

Enquanto as almas infantis forem acalentadas pela presença eterna da Virgem e do Menino Jesus, não serão palavras vãs a caridade e o perdão

FOTO DE TOM

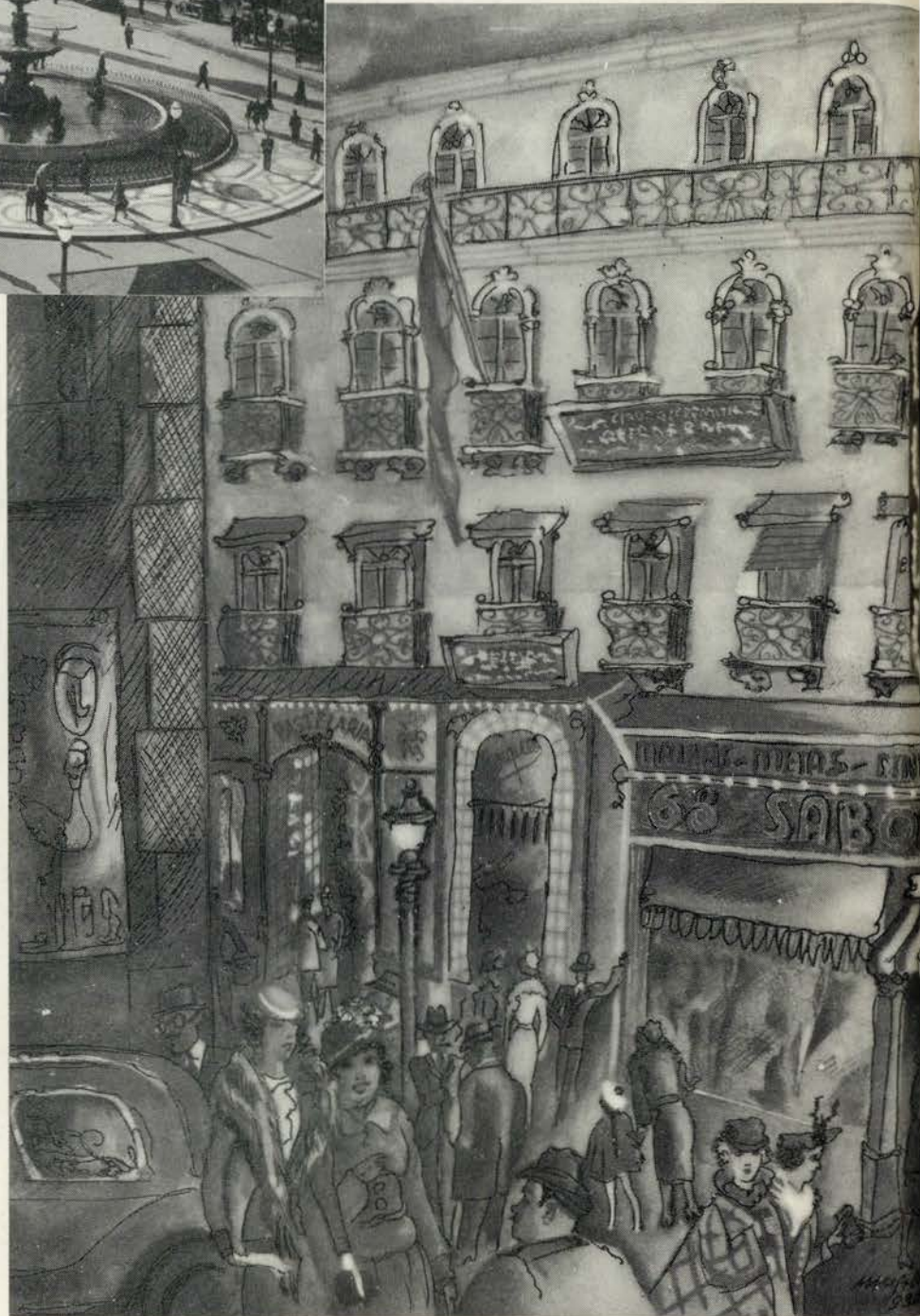
O povo português – como noutro lugar desta revista se diz – é profundamente religioso. A Igreja é sempre, para êle, fonte inesgotável de esperança, de contrição e de paz interior.

FOTO DE HORACIO NOVAES

LISBOA ANTIGA E MODERNA

O tempo altera estruturalmente a fisionomia das cidades; não apenas o seu exterior arquitectónico e urbanístico, mas também — se não principalmente — a sua psicologia, o seu ritmo, o seu espírito.

As praças e ruas mais características de Lisboa do nosso tempo, se ainda conservam vestigios plásticos do que foram há dois séculos, de tal modo se apresentam com alma diferente, que parecem construídas noutros locais, noutro país — talvez, até, noutro planeta...

AGUARELA DE B. MARQUES

O CHIADO (RUA DAS PORTAS DE S.ᵀᴬ CATARINA)
E A PRAÇA DE D. PEDRO EM DUAS LITOGRAFIAS DO SÉCULO PASSADO

O MUSEU GRÃO-VASCO DE VISEU

Por

DIOGO DE MACEDO

DURANTE cêrca de dois séculos, Portugal passava por ter quási exclusivamente um grande e complexo pintor, que tão extraordinário tinha sido, tão milagroso em produção, qualidade e variedade, apagado o seu nome verdadeiro, era só conhecido pelo justo título de Grande — o *Grão-Vasco*. Além dêste portentoso e fabuloso pintor, falava-se vagamente de outros, como seus discípulos ou imitadores, sem escrupulosos atestados de identificação. E raros eram os críticos que desconfiassem de tanto génio para um homem só, atribuindo-se-lhe tudo quanto existia na terra, nacional ou estrangeiro, remoto ou mais moderno, dentro do princípio de que para um Grande, o muito era sempre pouco.

Um escritor antigo e tambem nosso, viajado e sábio em coisas de arte, pintor de engenho — Francisco de Olanda —, cujas opiniões eram acatadas e respeitadas em todo o Mundo, havia citado, na especialidade, um outro artista anterior àquêle, que se chamava Nuno Gonçalves. Mas èste esquecera e só Grão-Vasco sobrevivia. Quanto de *gótico*, de *primitivo* como hoje se diz, existia em Portugal, de norte a sul, era incondicionalmente atribuído ao misterioso Grão-Vasco. De tão largas famas chegava quási a ser um mito com estranhas lendas e enredadas confusões. Soube-se depois um bocadinho de sua história, surgiu uma nesga da sua vida, descobriu-se que èle era de Viseu, identificou-se-lhe ao certo alguma daquela imensa obra e, por fim, até se aclarou que o misterioso Grão-Vasco se chamava, na realidade, Vasco Fernandes.

Museu de Grão-Vasco e Sé de Viseu

S. Pedro — Vasco Fernandes (Grão-Vasco) Sec. XVI

De sondagem em sondagem, de comparação em comparação, veio a reduzir-se-lhe o labor — mas nunca o génio —, acabando os investigadores por destrinçar tanto género de pintura diferente que pertencia a outros pintores, mas nenhum mais merecedor do que êle do título de *Grão*. Hoje sabe-se muito mais dêstes segredos e amanhã ainda mais se saberá neste sector. Os problemas são difíceis de resolver, mas o tempo se encarregará da tarefa, porque é bom e imparcial obreiro. De Vasco Fernandes, portanto — perdão, de Grão-Vasco! — bastante se conhece e presume para que continue detentor da honra tradicional do título. A obra foi-lhe reduzida às proporções das capacidades humanas e do tempo, mas aumentou em distinção de personalidade, carácter e originalidade expressionista. Aquêle que na antiguidade passou por ser quási o único, ao cabo de tantas descobertas e sensatez na arrumação da nossa História de Pintura, continua e continuará a ser *Grão* entre outros Grandes.

Viseu, com muitos mais pergaminhos, mesmo em pintura, tem razões suficientes para depois das remotas glórias das aventuras de Viriato, se orgulhar sobremaneira de ter sido berço dêste forte e inconfundível pintor. Do fabuloso ficara

Mestre do Retábulo da Sé de Viseu — Cristo no Horto (cêrca de 1500)

para sua honra, o verdadeiro, distinto, formidável e talvez, de tantos pintores que houvemos, o mais português de todos. O Museu Grão-Vasco, que possui outros núcleos de obras quinhentistas, como aquêle de comovente e delicada sedução outrora atribuído a Jorge Afonso, cujos quadros vão da *Anunciação* e do *Presépio*, ao *Descimento da Cruz* e á *Ascensão*, passando pelo *Jardim das Oliveiras*, um dos finos e subtis na composição, orgulha-se principalmente das obras do seu patrono.

Do escultórico e expressivo painel do *Calvário* e do tão humano *S. Sebastião*, ao notável e discutidíssimo *S. Pedro*, ao *Pentecostes* e ao *Baptismo de Cristo*, de tão arrojadas e individuais qualidades, êste conjunto representa a melhor fortuna da galeria, como o seu autor da sua terra. São obras-primas da pintura portuguesa, com que a Sé visinha, que é soberba, tambem se ufana, apesar de outras riquezas possuir em seu tesouro.

O Museu de Viseu é um dos mais abastados do País. Tem outras e belas Tábuas de Gaspar Vaz (?); de um pintor pitoresco, Almeida Furtado — o *Gata* —, que foi discípulo de Sequeira; uma colecção esplendida de quadros de Columbano — a segunda exposta em museus portugueses; e muita pintura moderna dos mais celebrados artistas contemporâneos. Na escultura, a par de boas peças antigas, expõe o *Anjo Rafael e Tobias*, atribuído a Machado de Castro, um admirável mármore de Augusto Santo, *Nova Esfinge*, e obras de Benlliure.

Noutras salas distinguem-se preciosas peças de ourivesaria, de cerâmica, de mobiliário, esmaltes como o formoso *Relicário de Limoges*, marfins lavrados como o *Hostiário manuelino*, que uns críticos presumem de origem congolesa e outros a julgam do Benim, em todo o caso documento colonial da nossa arte do século XVI. A galeria é vasta e rica, graças a Almeida Moreira que a organizou; mas quem lhe dá mais sólida categoria de grande, é aquêle Grão-Vasco de extraordinária intuïção e génio de realista, como só séculos depois uma escola revolucionária concebeu e cultivou.

Cofre de Limoges — Séc. XII e XIII

Vasco Fernandes -- Calvário (2.º quartel do Séc. XVI)

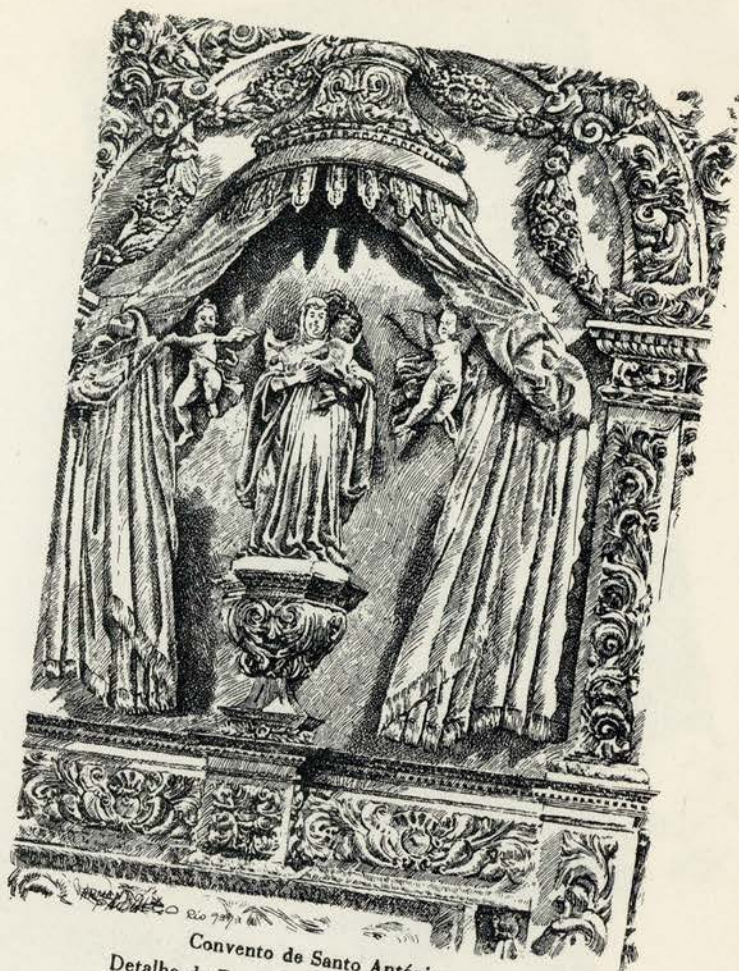
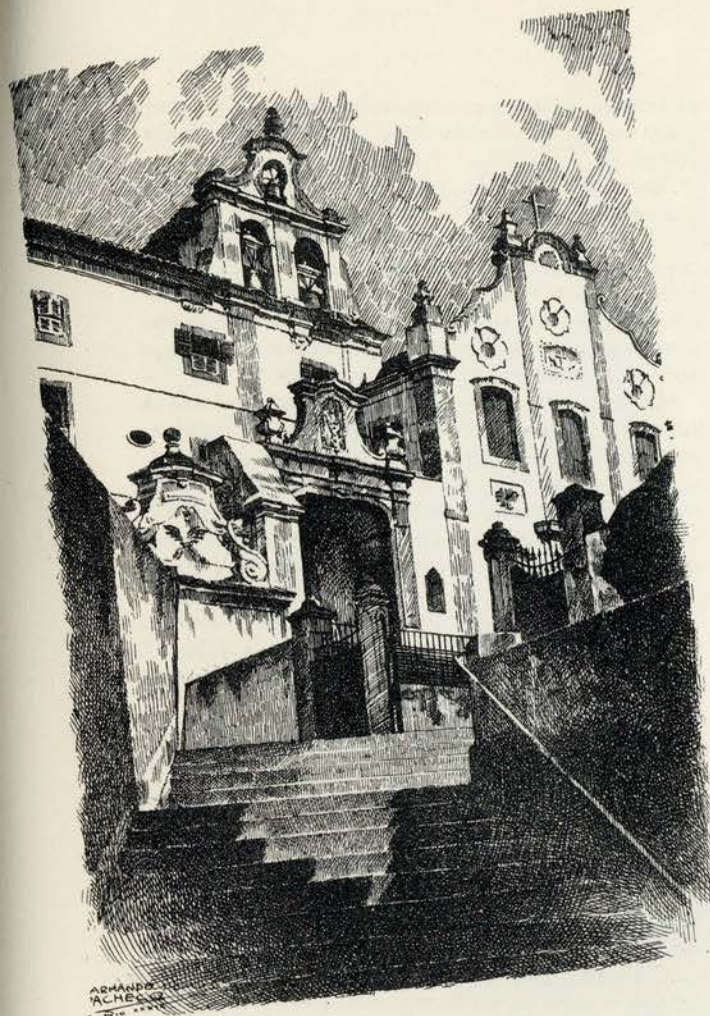
Pórtico da igreja matriz

VILA-NOVA-DE-FOZCOA é uma velhíssima povoação da Beira Baixa, situada a cêrca de 500 metros de altitude, perto de Pocinho. As suas ruas tortuosas e casas de vetusta construção não possuem características particularmente notáveis, mas têm o pitoresco das sempre amáveis povoações da Beira, com gente rude e franca, e as largas perspectivas de uma paisagem austera. Vila-Nova-de-Fozcoa conserva, ainda, dois belos espécimes monumentais do nosso «manuelino», de que reproduzimos nestas páginas dois aspectos, fixados pela objectiva

de Alvão: — uma pequena mas curiosa igreja, que foi restaurada no século XVIII, e um magnífico pelourinho, sem duvida dos mais interessantes e melhor conservados que se encontram, dessa época, em tôda a província, tão rica em documentos escultóricos dêste género.

Pelourinho

DESENHOS DE MANUEL RIBEIRO DE PAVIA

Talvez se possa dizer que a província portuguesa que reüne maior número de elementos favoráveis para acordar a vocação dos artistas, é o Alentejo. Ésses elementos são os caracteres plásticos da sua païsagem, do seu povo, e dos seus costumes e usos tradicionais, tão vivamente acentuados pela intensidade da luz e a profusão das côres. Manuel Ribeiro de Pavia, alentejano de nascimento, é um dos mais novos e, por isso, menos conhecidos dêsses artistas.
São já notáveis, no entanto, as qualidades afirmadas em muitos dos seus trabalhos, onde (como nestes aqui reproduzidos) se pode apreciar a segurança de traço, o sentido de claro-escuro e êsse espírito de inteligente comentário que caracterizam os bons ilustradores.

Convento de Santo António
Detalhe da Egreja de N.ª S.ª do Monserrate

UM PASSEIO PELO RIO-DE-JANEIRO

Por MORAES CABRAL

Vamos passear um pouco na cidade de São-Sebastião-do-Rio-de-Janeiro.

Fá-lo-emos, preocupando-nos mais com algumas das suas valiosas obras de arte do que com a luxuriante Natureza, as avenidas marginais, a população de raro dinamismo, os bairros luxuosos, os edifícios monumentais, as praias acolhedoras, em resumo com os mil e um atractivos, os mil e um predicados que, muito justamente, a tornam «maravilhosa» e a gravam, para sempre, na nossa retina e no nosso coração.

Principiaremos pela abadia de São Bento, situada na parte velha desta histórica cidade que, a exemplo de tantas capitais, possui ainda muito casario antigo, muitas «favelas» ou bairros de lata, mas que procura, a todo o transe, graças a uma actividade municipal que não esmorece, exterminar êsses anacronismos urbanos.

Na abadia de São Bento, fundada em 1590 pelos beneditinos Pedro Ferraz e João Porcalho, funciona, actualmente, um liceu. Dispõe o convento de valiosa biblioteca e a igreja anexa, essa, é de extraordinária riqueza artística.

Dedicada a Nossa Senhora de Monserrate, constitui, quer no conjunto quer no detalhe, notável afirmação de arte sacra. A Capela do Santíssimo e o altar-mor encerram preciosos trabalhos de talha dourada, cuja concepção e execução revelam até que ponto o génio artístico lusitano nada perdeu, antes

se refinou, com a transplantação de alguns dos seus mais aventurosos intérpretes para terras de Santa-Cruz.

Deixemos a Abadia e as suas preciosidades e desçamos em direcção à Praça 15 de Novembro.

O facto de trazermos os olhos repletos de beleza de um ambiente contemporâneo de Passado tão repleto de momentos emocionantes, faz que o movimento acelerado da Praça contraste, singularmente, com a quietude que se nos deparara a alguns metros apenas de distância, na acolhedora abadia.

Eis-nos, pois, parte integrante dessas centenas de pessoas que, azafamadas, cortam a Praça em todos os sentidos. Logo a atenção é solicitada para os que formigam, a nosso lado, constituindo, pelas côres dos trajos — êles de branco, elas de todos os tons que é dado à imaginação feminina conceber — um arco-íris movente que empresta singular ineditismo ao cenário carioca.

Aqui, depara-se-nos um curioso chafariz colonial e o palácio onde, outrora, se albergou D. João VI, teatro de tantos episódios estreitamente relacionados com o Brasil-colónia e o Brasil-nação soberana.

O palácio, sobretudo, oferece excepcional interêsse evocativo. Era nêle que o imperador D. Pedro I dava audiência pública na qual tôda a gente, de qualquer classe ou condição, podia entregar-lhe petições e, até, falar-lhe pessoalmente.

Está o palácio ocupado, presentemente, pela Repartição dos Correios e Telégrafos, mas a sua arquitectura tem sido cuidadosamente conservada, mantendo-se no estilo da época em que foi construído.

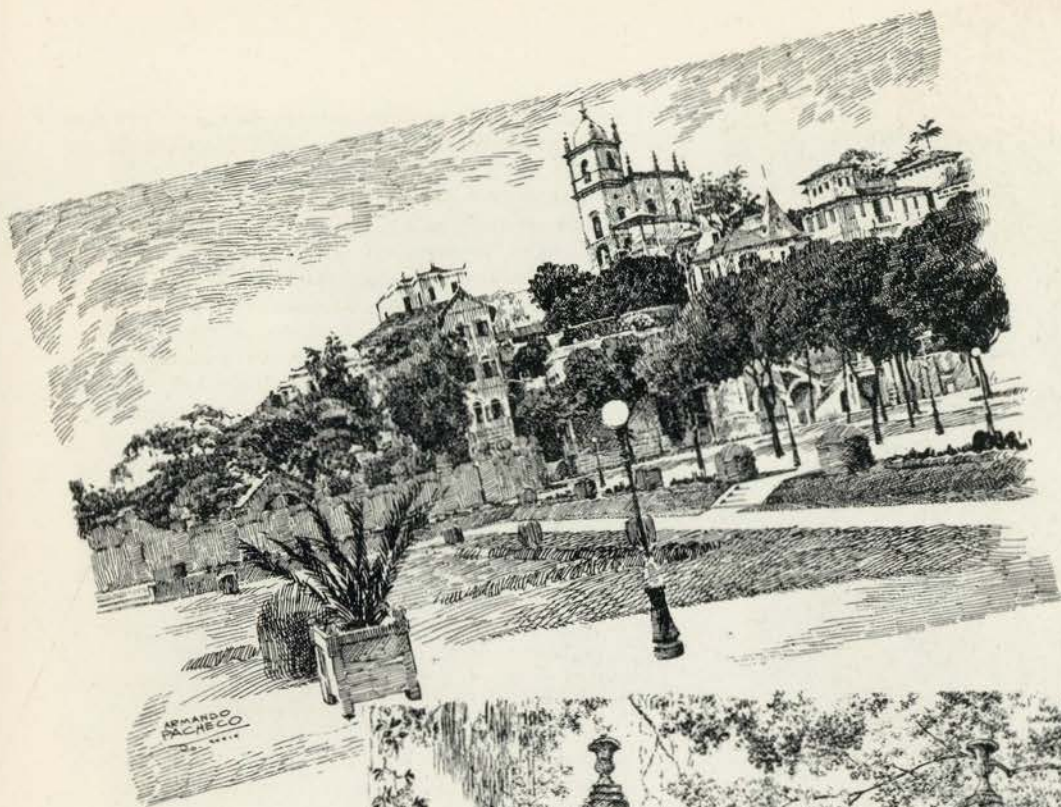
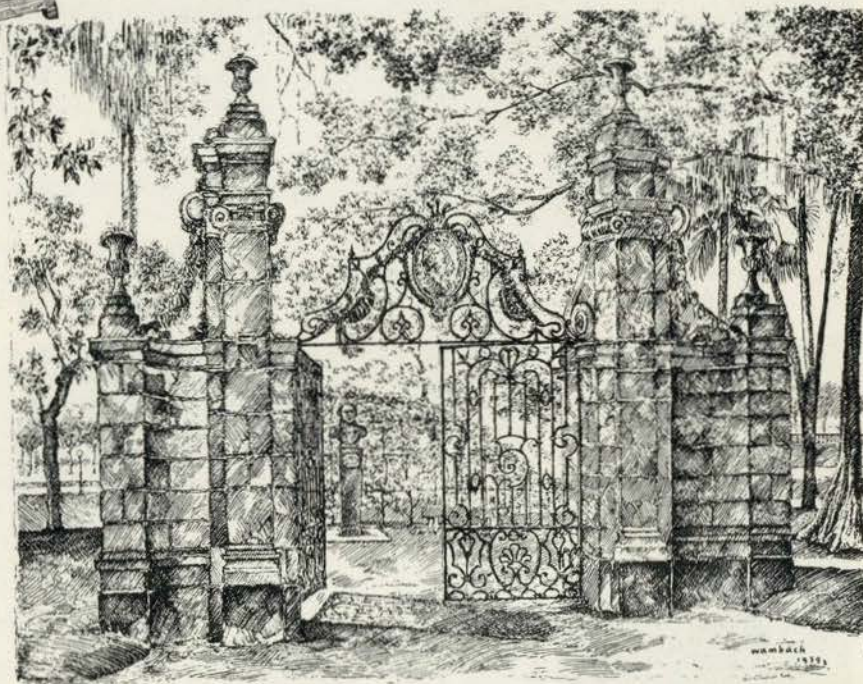
O chafariz, ostentando no tôpo a esfera armilar, acha-se virado para a sumptuosa igreja matriz onde, com freqüência, se celebram magníficas festas.

Façamos, agora, um desvio e, subindo a rua Sete de Setembro, passemos pela igreja de Nossa Senhora do Carmo, cuja pia baptismal é de lucubração e lavra notabilíssimas, e encaminhemo-nos para o «Tabuleiro da Baîana», de onde se avista o Convento de Santo António, alcandorado na colina que dá acesso ao pitoresco bairro de Santa Teresa.

É êste largo um dos pontos mais movimentados da capital brasileira. «Terminus» dos «bondes» que ligam o Centro da cidade a Ipanema, Laranjeiras, Leblon e outros populosos bairros, aglomeram-se ali, constantemente, centenas de pessoas que procuram, com afã, um lugar que lhes permita suportar, sem demasiada fadiga, o longo trajecto até casa.

Mais uns passos andados e eis-nos no Passeio Público onde, de novo, se estabelece o contacto entre o Passado e o Presente.

No jardim que o ornamenta, o mais acolhedor do Centro da capital, e que se situa precisamente defronte da quadra onde se alojam os principais cinemas cariocas, está o antigo portão do Passeio, encimado por um medalhão com as figuras de D. Maria I e de D. Pedro III. Ao fundo, o busto do célebre Mestre Valentim, cujas estátuas e obras de talha ornamentam a igreja da Cruz dos Militares, um dos mais notáveis templos do Rio-de-Janeiro, datado do começo de 1780 e inaugurado em 1811.

Pia da Egreja de N.ª S.ª do Carmo
Chafariz Colonial na Praça 15 de Novembro

Egreja de N.ª S.ª da Glória do Outeiro
Portão do Passeio Público no Rio de Janeiro

Desenhos de Armando Pacheco e Wambach

Esta homenagem deve-se ao facto de ter sido Valentim da Fonseca e Silva quem desenhou os planos do Passeio Público, mandado construir em 1783 por D. Luís de Vasconcelos.

Se dali atravessarmos para o paredão que corre ao longo da praia do Russell, logo lobrigaremos a igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, lugar de peregrinação anual, na data de 15 de Agôsto, de todo o bom carioca que é, ao mesmo tempo, bom católico. Construída em 1714, era a preferida do imperador D. Pedro I que, inclusivamente, deu o nome de Maria da Glória a sua filha, depois rainha D. Maria II.

Penetremos, agora, na rua Frei Caneca, onde um outro chafariz atesta a preocupação dos portugueses em abastecer os cariocas de água. Uma lápida nêle aposta diz: «Sitienti Populo Senatus proevisit aquas anno MDCCLXXXVI».

1786! Vinte e dois anos depois, em 1808, chegaria ao Rio-de Janeiro a Família Real portuguesa e, com ela, 12.000 almas. Era o início de uma profunda remodelação na vida do Brasil-colónia em que a Arte seria largamente beneficiada.

Data dessa época a igreja na qual terminaremos a nossa digressão — a de São Francisco da Penitência, uma maravilha de arquitectura religiosa da qual se salienta o riquíssimo altar-mor, cuja contemplação, só por si, merecia êste passeio pela nobre cidade fundada por Mem de Sá.

Nestes belos «clichés» do fotógrafo amador Adriano Lopes Vieira foram fixados, respectivamente, um aspecto de arquitectura rústica da aldeia de Cortes (Leiria), e um típico momento da faina da pequena vindima, colhido nos arredores da mesma localidade

DESENHO DE ERNEST GHISFORD

Portugal visto por artistas estrangeiros — *podia ser o título de um álbum cheio de interêsse e, ao mesmo tempo, excelente meio de propaganda turística. Não faltam, na realidade, elementos para o realizar, porquanto são raros os pintores e desenhadores que visitam o nosso país, sem que se rendam aos encantos especiais da paisagem, da arquitectura e dos tipos humanos com que vão deparando. ¡ Quantos, até, dos mais sensíveis, não ficam por cá, acabando por adoptar a nacionalidade portuguesa !* ★ *O artista inglês Ernst Ghisford foi um dos que mais recentemente se enamoraram da nossa terra, fixando, com firme traço e agudo espírito, numerosos aspectos paisagísticos e arquitectónicos, em trabalhos de rara qualidade artística, que foram, há pouco, expostos na galeria do S. P. N. — e que mereciam ser incluídos no álbum a que nos referimos.*

Domingo à tarde por Lisboa no outono

POR MERÍCIA DE LEMOS

Por tôda a parte casas
casas brancas agarradas a outras casas
casas imaginadas para cenário
d'uma história acontecida
num lugar distante e antigo

Levam-me mais que os pés
as pedras polidas da calçada
ao encontro d'um largo
com ares de importância
. . . e é pouco mais que um lenço de arraial

Há dias em que dir-se-ia
existe o Sol de propósito
para iluminar uma idéia
uma saüdade, um ideal
um canto de rua estreita,
craveiros d'uma janela
um canário na gaiola,
ou o girasol tardio
florido por acaso num quintal.

Graças de Domingo à tarde,
num outono adiantado
ainda lembrado do verão,
de gatos espreguiçados nos telhados
borboletas pasmadas da cidade
vindas esvoaçando a acompanhar
a hortelã e flores do mercado.

A travessa ao lado é a dos Salemas . . .

. . . .

Vêm-se em baixo umas grandes chaminés
quási iguais aos çartuchos de papel
que os garotos compram por dois tostões
cheios de pevides ou tremoços
à tia Zefa dos amendoins
— são as chaminés do Palácio da Independência

. . . .

Ao fundo da calçadinha
está o Largo de S. Domingos

Tôda a gente sabe que é côr-de-rosa
e tem arcadas o palácio que foi dos Almadas,
— mas quantos sabem como são as suas chaminés?

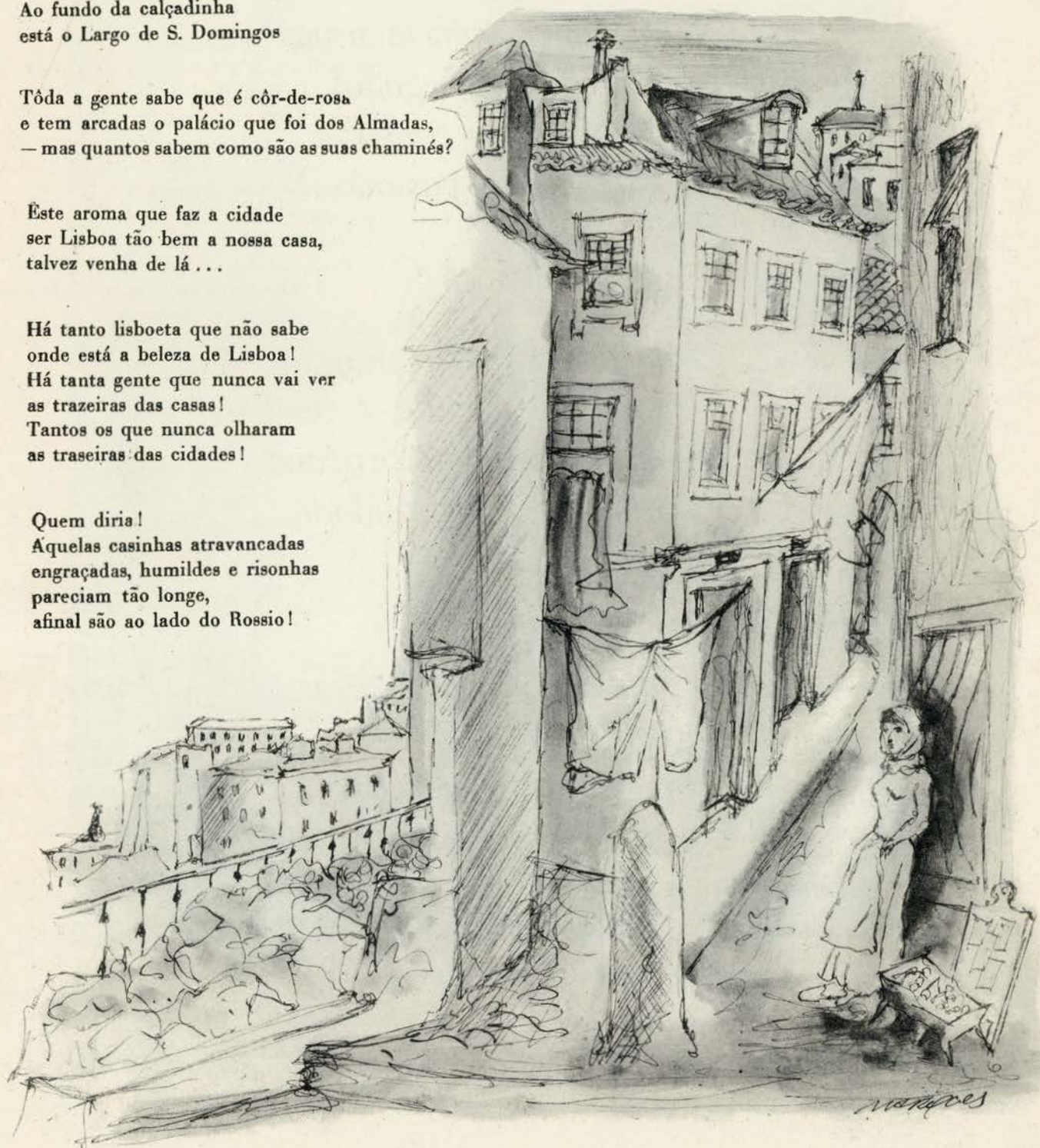
Êste aroma que faz a cidade
ser Lisboa tão bem a nossa casa,
talvez venha de lá . . .

Há tanto lisboeta que não sabe
onde está a beleza de Lisboa!
Há tanta gente que nunca vai ver
as trazeiras das casas!
Tantos os que nunca olharam
as traseiras das cidades!

Quem diria!
Àquelas casinhas atravancadas
engraçadas, humildes e risonhas
pareciam tão longe,
afinal são ao lado do Rossio!

Ah, Lisboa, tu tens o Sol guardado
em pedaços do teu coração
espalhados por ti
na Mouraria, em Alfama, no Tejo
que é o teu jardim de ansiedades.

Quem sabe, se é para que te veja
que o sol hoje brilha assim. Quem sabe? . . .

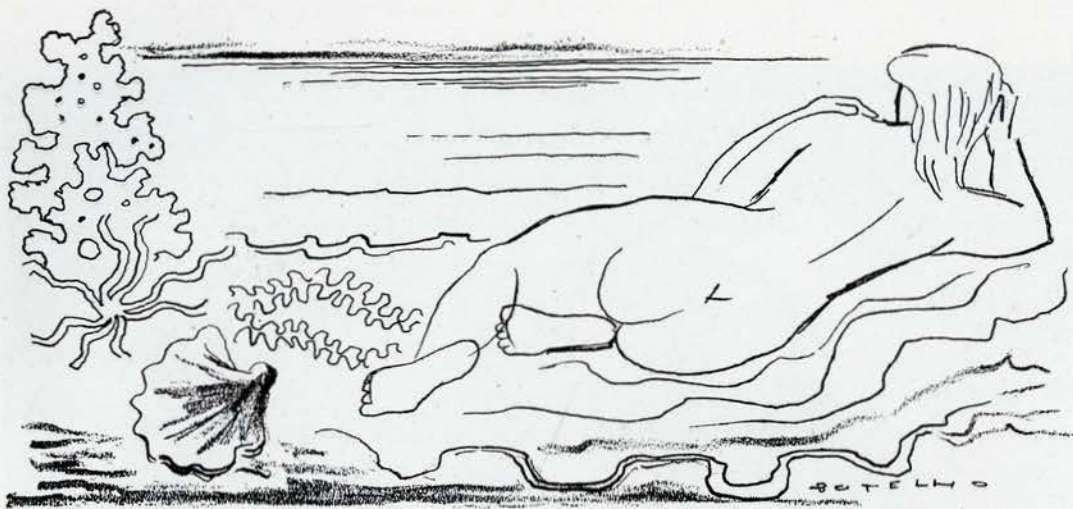
(DESENHOS DE BERNARDO MARQUES)

NATAL

Natal, na Provincia neva.
Nos lares aconchegados
Um sentimento conserva
Os sentimentos passados.

Coração oposto ao mundo
— Como a familia é verdade!
Meu pensamento é profundo,
Estou só e sonho saüdade.

E como é branca de graça
A païsagem que não sei,
Vista por traz da vidraça
Do lar que nunca terei!

FERNANDO PESSOA

PINTURA A FRESCO DO ESCULTOR MARTINS CORREIA

MELODIA MELANCÓLICA SÔBRE UM TEMA VULGAR

por

AUGUSTO PINTO

HÁ mais de um mês que o Mar parece morto. E se não fôsse — ainda — na fímbria da areia, uma suave ondulação de água; uma vagueta que vàgamente — indolentemente — se faz e se desfaz; um leve — muito leve — arrulho de espuma a reboar ao longo da praia, dir-se-ia que sim, que tinha morrido o Mar. Que nunca mais, ninguém o veria sacudido por tormentas, rasgado em mil abismos, erguido em ondas e trombas para o céu. Que nunca mais, tristemente, acordaria dêste seu longo letargo. Que nunca mais o Mar seria Mar.

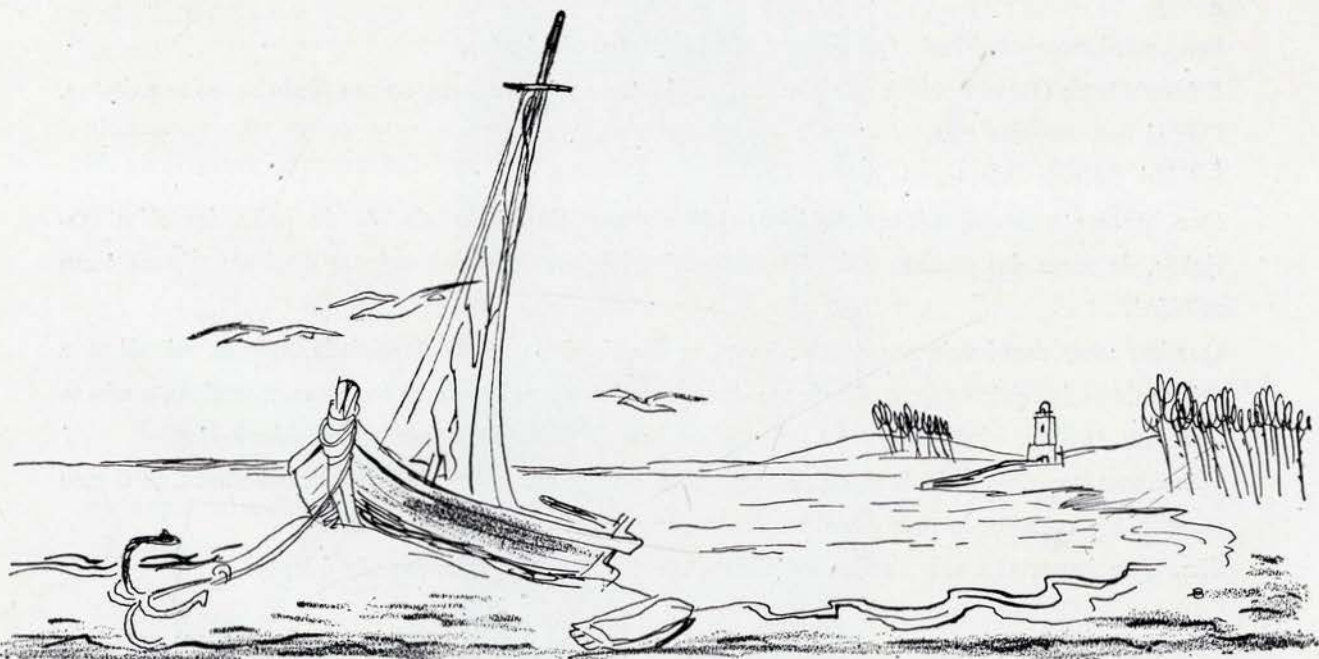
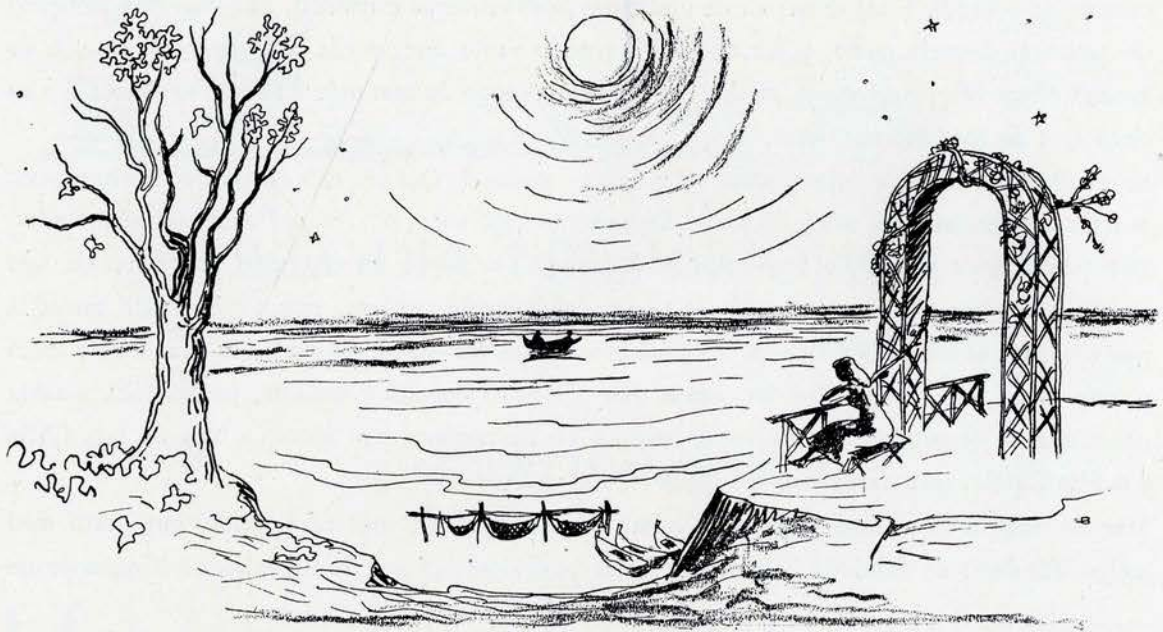
Aqui, neste sítio, onde o Mar parece morto, à roda tudo parece ter, de há muito, morrido também. À roda, enconcha-se a terra, numa duna grisalha, desmaiada, onde raro passa vivalma, onde raro se escuta voz que não seja a do Mar. Há, para além, a ponta de um cêrro deserto. Há para acolá, a ponta de um pinheiral de pinheiros bravos, na outra ponta. E há braveza em tudo o mais. Afora — e agora — na calma dêste mar de outono, em seu abandono de um sono de há mais de um mês... Talvez o Mar não torne a acordar. E não torne a levantar, aqui, a sua voz possante de gigante; aqui, onde ela é mais pavorosa; de noite, sobretudo, quando tudo o mais fica mudo e tremente à sua roda. E se o Mar — santo Deus! — não tornasse a acordar e a falar?!

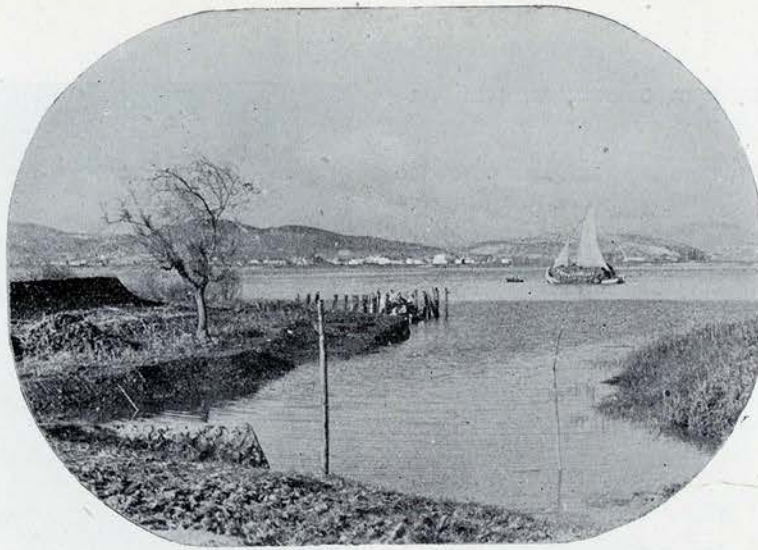
Porque o Mar, quando parece morto, assim, é muito lindo. Muito, costumam dizer os meninos, e dizer as mulheres, e dizer os os poetas que parece um lago, no seu afago de tranqüilidade e claridade. E suavidade. Muito azul, debaixo do céu muito azul. Sem uma vela. Sem uma onda. Sem

uma sombra. Mas é mais lindo o Mar, ainda, quando escurece e quando se enfurece; quando se agita e grita; quando as vagas vão e vêm sem parança, bravas e cavas, altas — Mar Alto dos homens do mar, dos faroleiros e dos marinheiros. Quando, em terra, os meninos, as mulheres e os poetas, se calam, de susto e de espanto. Quando o Mar é Mar.

Pois, há mais de um mês, que o Mar deixou de ser Mar. Deixaram de ouvir as suas rezas e os seus ralhos, os lavradores das terras distantes e os pastores das serras mais distantes, ainda. Deixaram de rezar e de ralhar as mulheres dos pescadores, porque, num mar assim — Deus seja bendito! — é só abrir as bolinas à brisa, e botar rêdes nos baixios, para se encherem, sem perigos, cabazes e cabazes de bezugos. E até deixaram de murmurar suas endeixas e queixas, as ramas dos pinheiros do pinheiral daquela ponta, pôsto que não havendo vento que sacuda e esbraveje o mar, e ao mesmo tempo as desgrenhe e as desgalhe, vivem Outono de beatitude e calma, ao claro Sol e ao claro luar de luas descobertas.

Luares de tanta finura e doçura, sôbre estas águas mansas do Outono, e de tantas e de tão luminosas estrêlas espalhadas pelos altos do ar do Outono, que, há noites, um compadre meu, que é pescador, veio pescar nesta concha de mar exangue. E trouxe com êle o menino mais pequenino de sete meninos que tem. Porque em mares de Outono, felizmente, podem, mesmo de noite andar à pesca os meninos, sòzinhos, quanto mais em companhia dos pais. E era tão lindo o mar, e tão lindo o luar, e tão lindo o cardume dos astros, que o menino do meu compadre, passou tôda a santa noite, deitado de papo abaixo à proa da barca, a ver se pescava, sem anzol, a bola da Lua Cheia e o Sete Estrêlo, que via bulindo no fundo.

Mar de transparência tanta, e de tanta calma e confiança, êste mar adormecido, que outro meu amigo, faroleiro do farol da barra, sete léguas para além da ponta do cêrro deserto, há mais de um

mês, que passa as noites a jogar o chincalhão pelas vendas, ficando o farol, sòzinho, a piscar o ôlho, inùtilmente, aos raros, confiados e também adormecidos vapores que deslizam, ao longe. Mar tão quieto e liso, como palma de mão de vadio, que o marujo Vicente, meu parente ainda, tripulante pimpante do patacho «Estrêla do Mar», navio de cabotagem, há mais de um mês que adia a largada, por falta de bom vento e bom mar, para poder abalar. E passa os dias, de papo arriba, na cama, ou encruzado na tôrre da pôpa, a bocejar, e a ver se vê arrepio de água ou fumo de estrato no céu, que seja sinal de partida e de vida.

Porque... barco parado não faz viagem. Nem Mar parado é Mar.
E êste Mar de Outono parece que parou. Que já nem a vaga vagueta, na sua fimbria, se faz e desfaz. Que já nem espuma tem.
Solidão. Silêncio. Melancolia.
Que importa a manhã diáfana, extática, tôda em tons de pérola, da côr do peito das rôlas marinhas, da curva das conchas e das boquinhas dos búzios, se tudo à roda se dilui em tristeza e em solidão!?
Que importam dias luminosos, maravilhosos, se daqui, desta praia desmaiada, não se vê sôbre a mágoa desta água exangue, o vôo de asa de uma vela branca, se não se ouve um murmúrio, e não se ouve um arrulho, e não se ouve uma voz, quebrando esta monotonia e êste silêncio?!
Que importam noites de luar ou lindas noites estreladas, noites de fantásticas baladas, se o meu coração e o coração do mar parecem mortos de marasmo e de melancolia?!
Sim. Que importa a vida, assim, adormecida e esquecida — vida que não é Vida?!

DESENHOS DE CARLOS BOTELHO

A POESIA DO INVERNO EM CERTA PAÏSAGEM PORTUGUESA

Por Maria da Graça Azambuja

Não havia, ali, a mais leve pincelada de claridade ou, se havia, não alcançava a distância sem medida a que me encontrava do real. Direi mesmo provir de mim o bloco denso de negrume que me rodeava, no qual apetecia caminhar de mãos tateantes. Porque é, sobretudo, interior a luz que nos alumia.

Segui o rumo do cais, juntamente com outros vultos indistintos. Apenas os passos marcavam a presença de seres humanos a meu lado. Sentia-os no cérebro, com a impressão de caminharmos unidos por invisíveis correntes.

Negro, na noite, aproximou-se um barco — ruído de motor a morrer, como gigante estertorando.

— Ó de lá! encosta! prende a amarra!

Não quis resguardar-me do frio áspero da noite, e fiquei a um lado, sòzinha, cansada e opressa, perdida na confusão de vozes que soavam à minha beira, tão distante e indiferente, como se não falássemos a mesma língua.

Pouco passaria das sete horas, mas a treva era profunda. Céu escuro, de estrêlas demasiado altas; escuras as águas densas do Tejo, que a embarcação cortava.

— Se assim continuar, vamos ter um bom ano de pão — dizia uma voz.

Mais além, um casal conversava àcêrca de compras feitas na cidade.

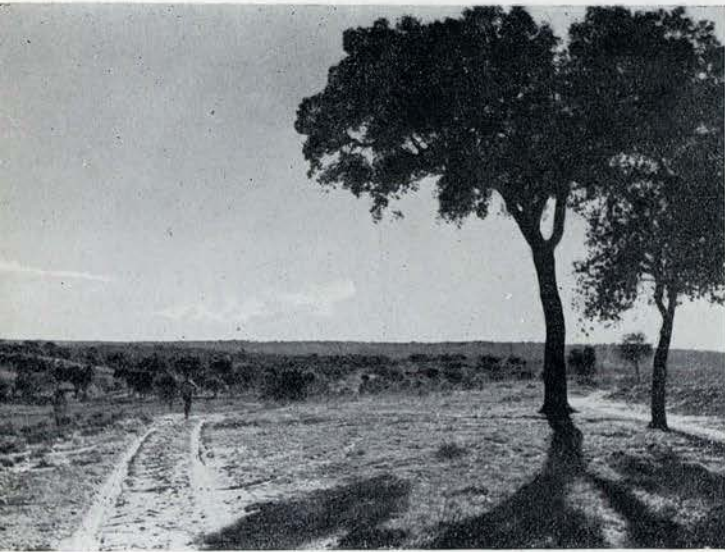
Encolhi-me mais no meu canto. Vindo do Monte Gordo, sobranceiro a Vila-Franca, de roldão pela encosta, o vento lançava-se louco na água e, ao afundar-se, levantava-a em borbotões. Como levasse a mão

ao rosto salpicado, para o enxugar, senti na bôca um gôsto a sal.

Meu Deus! Levava sôbre mim um pêso de anos! Durante êles percorrera os caminhos do mundo, embebedara-me de alvorôço e desesperança. Mas nem o bordão de peregrino florira, nem o meu ventre frutificara. Voltava mais só do que partira. Também no passado fizera aquêle mesmo trajecto, sem sentir que os pés se apoiavam sôbre as frágeis tábuas de um barco. Nessa época João estava a meu lado e aquecia, nas suas, as minhas mãos frias.

No atropêlo de nos instalarmos nas camionetas que nos esperavam, revoltei-me contra a idéia que me trouxera ali. Presentemente, nada me ligava à região. Subvertida no tempo a casa paterna, ¿que vinha eu fazer, senão sobrecarregar o fardo das recordações?

Ao invés de me encontrar só, tão gelada por fora como por dentro, na noite fria de inverno, podia estar còmodamente instalada na minha casa da cidade. Leria um bom livro ou, numa obstinação de anos, fixaria a estrêla que se ergue ao lusco-fusco sôbre a colina, tão minha conhecida, que, ao vê-la, quási murmuro: — Boa noite, estrêla!

Regressar, porém, à terra donde me ausentara, plena de esperança e de ilusões, fôra uma ordem imperiosa do meu subconsciente. Quando, partindo de Lisboa, o combóio me deixava em casa da Eduarda, na mesma margem do Tejo, os meus olhos não se apartavam da oposta. Para além das casas do Mouchão, da aguarela azul do rio a confundir-se com o céu nos longes da lonjura, era a lezíria ampla; a terra a estender-me os

braços suavíssimos, pedindo que me entregasse. Havia, por assim dizer, uma quebra desarmónica, a interrupção de um belo sonho, o corte intempestivo de uma realização.

Com o decorrer do tempo, o desejo do regresso tornou-se mais violento. Em minha memória reproduziam-se, intactas, as imagens da infância e da adolescência. As narinas palpitavam-me ao cheiro da charneca pelo meio-dia, e sentia o mesmo tumultuoso desejo de viver a vida, que nos foge sempre, pois os nossos braços mortais não a podem abarcar.

Os pastores que passavam na estrada, com andar manso de seguir rebanhos, ritmado e lento, ar de predestinados ou loucos, pareciam os mesmos que os meus olhos de outrora tinham visto. Visionava-os partindo como eu, de madrugada, ricos daquele bem interior que não tem palavras nem pensamentos para o traduzir.

Sobretudo nos dias de extrema luminosidade do princípio do inverno, era uma obcecação impreterível. Assim, resolvi aceder desta vez às repetidas solicitações de Ema, e eis-me a caminho, naquela ante-véspera de Natal.

De um e outro lado da camioneta havia apenas negrume; a meu lado, rostos desconhecidos. Depois de Samora e de uma pequena paragem, chegámos. Em seguida a uma opressão inenarrável, operou-se em mim a ressurreição do passado. Desci na praça iluminada, como se ainda ontem a houvesse deixado. Entre êsse dia e hoje não havia uma distância com casuarinas e imbondeiros, vozes incompreensíveis da noite e tantã de batuques, arrepiando-me os nervos de rapariguinha medrosa, com grandes olhos inquietos. Naturalmente, beijei com o olhar quanto adivinhava; sem admiração, senti os braços de Ema à minha volta. Nem me apercebi se o tempo a mudara: tinha o mesmo sorriso amigo e a mesma fala doce. A seu lado, Mariana reproduzia a menina de olhos claros que ela fôra e com a qual brincara.

*

* *

Quando acordei, naquela manhã de Natal, um sol de ouro ardente entrava no quarto.

Céus! Alguma coisa se aligeirara em mim! Na mala de viagem dormia o vestido pesado, que, como couraça, me aprisionava. Temia o regresso; porém, êste não envolvera sofrimento, antes libertação.

Na véspera, à noite, na igreja modesta regorgitando, «encontrara-me». Uma ternura infinita, um entendimento maravilhoso, dir-se-ia descer até mim, dos santos que nos seus nichos pareciam dar-me as boas-vindas. Serena, sorri à mocinha de oito ou nove anos de lenço vermelho com flores bordadas e blusa de fazenda azul, ajoelhada a meu lado com grave circunspecção.

FOTOS DE MANFREDO

(Continua na pág. IV)

COMPOSIÇÃO DE ESTRÊLA FARIA

A GUERRA E AS MÃES

A Guerra acaba e o mundo continua. Correrá a vida com outro ritmo. Mais apressado? Mais lento? Diverso, é quanto podemos adivinhar. Surgirão novas perspectivas para a visão atónita das gentes. Novos costumes, novos hábitos. O valor do trabalho será outro e outra será a medida dos valores temporais. O que permanecerá do passado (um passado que ainda vivemos) serão os símbolos sagrados e os sentimentos humanos. Os mais fecundos e ardentes: o ódio, o amor... ¿ Que imaginação pode conceber que amem as mães de outro modo os filhos que geraram? O amor transcende sempre as novas ordens sociais, porque é eterno e imutável.

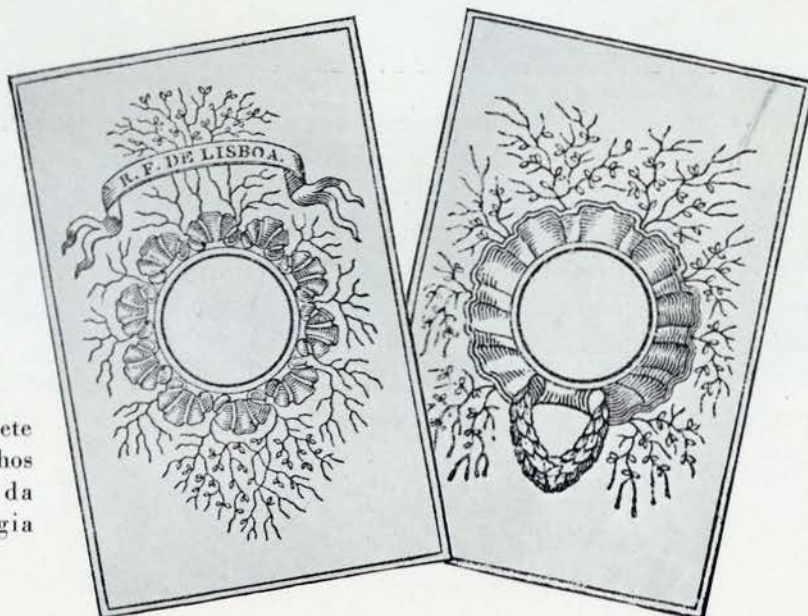
Viam outrora as mães partir os filhos para a guerra. As mais íntimas fibras da sensibilidade vibram ao toque desta idéia. Nem é preciso fazer literatura sôbre o tema, para comunicar ao leitor o dramatismo que êle contém: basta focá-lo, ainda que de relance, com a nossa imaginação.
Foi assim em todos os tempos. Os filhos partiam para a guerra, iam ao encontro dela, e as mães ficavam. Ficavam à espera dos seus filhos. Alguns voltavam heróis, mas elas eram sempre heroínas. Tôdas as mães dos que partiam para a guerra eram heroínas. Mas a guerra dos nossos dias é bem diferente. Todos o sabem e sentem; tanto os que estão perto, como os que estão longe da sua acção imediata. Diferente em muitos aspectos e — talvez principalmente — neste de não esperar apenas que vão ao seu encontro.
¿ Quem pode saber e sentir, melhor do que as mães, o que esta diferença significa? Agora, para elas, não há só o perigo e o horror de verem os filhos partir para a guerra. Também a guerra pode partir — e parte! — ao encontro dêles. Vem pelo ar e arranca-os dos seus braços, sem atender a essa coisa legal que os homens combinaram chamar-se idade militar. Vem, mutila-os e mata-os, sem grandeza nem heroísmo possíveis para êles. Serão, quando muito, vítimas e mártires.

E as mães? O mundo nem fala delas, é como se estivessem esquecidas! Sempre anónimas e sempre heroínas.
Contudo, ¡ como deverão compreendê-las, como as sentirão bem mais infelizes aquelas que viram os seus filhos partir para a guerra e que vãmente os esperam! As pobres! Nem conheceram êsse misto de esperança e de orgulho que a estas aquece a alma e lhes salpica de luz o vazio das vidas. Nem todo êsse mundo de imensas coisas pequeninas, que vai da lembrança do último beijo até ao botão pregado na farda, com um sorriso encharcado de lágrimas.
A essas, a guerra não lhes dá nada. Nada de nada. Limita-se a tirar-lhes tudo — implacável, total, apocalíptica.

CARTAS DE JOGAR PORTUGUESAS

Na admirável obra ilustrada «Tratado do Jôgo do Boston», de Henrique da Silva, com a «História das Cartas de Jogar» em prefácio de Egas Moniz, que a «Ática» editou em 1942, diz-se, a certa altura, que a história do fabrico de cartas em Portugal está por fazer.

«Conhecem-se as que saíram da Impressão Régia, a partir do século XVIII *(1769 a 1870) e as de alguns fabricantes que se lhe seguiram».*

Sabe-se, no entanto — como na mesma obra se afirma — que em Espanha e Portugal já se jogavam as cartas no século XV*, e que no começo do século* XVII *já existia entre nós o monopólio da manufactura e o comércio de baralhos de cartas. Essas cartas eram, decerto, de rudimentar fabrico, mas saídas*

Rei, Dama, Valete e Ases de baralhos portugueses da Impressão Régia

Reis, Valetes e Damas do «Belo Baralho Português», gravado e impresso em Lisboa, na Imprensa Nacional (1830 ou 1831)

de prelos e estamparias nacionais. «No princípio — lê-se ainda no referido Tratado — devem ter sido copiadas das espanholas, como sucedeu na primeira fase da Impressão Régia. [......] Pouco depois apareceram os padrões franceses, que acabaram por dominar».

O mais famoso baralho nacional é o que foi chamado «Belo baralho português». Ignora-se quem foi o desenhador das figuras (Reis, Damas e Valetes representando personagens e símbolos evocativos da nossa história e da época em que foi feito), mas sabe-se que as cartas foram gravadas (1830 ou 1831) em cobre, na Imprensa Nacional, sem dúvida por um excelente gravador. É ainda evidente que o artista que as desenhou possuia reais qualidades, embora seja notória a influência, em vários pormenores, de alguns desenhadores franceses especializados no género.

As três únicas fábricas de baralhos que actualmente existem no nosso país, são: — J. J. Nunes, Germano & C.ª (Litografia Maia) e Costa & Valério, fazendo tôda a impressão nas suas oficinas. Porém, o fabrico das nossas cartas de jogar é subsidiário de indústrias estrangeiras e, por isso, tem fases — como a actual — de sérias dificuldades. Além das máquinas em que se imprimem as cartas, são importados: o cartão, as tintas, os vernizes e o cauchu para a impressão indirecta.

Tudo isto, e a concorrência da produção estrangeira, impossibilita ou, pelo menos, dificulta enormemente o desenvolvimento desta indústria. E é pena — porque não faltam entre nós artistas e técnicos capazes de desenhar e imprimir baralhos notáveis, tanto pela qualidade, como pelo carácter genuìnamente português.

(Gravuras reproduzidas do «Tratado do Jôgo do Boston» Editorial Ática, 1942)

Cavaleiros, um Ás e Dama de oiros, de baralhos portugueses

CÂNDIDO COSTA PINTO: O JOGADOR (ÓLEO)

AGORA que temos o Natal à porta, é oportuno recordarmos mais uma vez que para nós, portugueses, o simbolismo dessa tradicional festividade está no Presépio de Belém.

Não é o velho de longas barbas brancas, personagem que as desoladas extensões de neve inspirou aos povos nórdicos, nem o hirsuto pinheiro de frias agulhas que estão certos na intimidade dos nossos lares, quando se glorifica a Noite Maior da Cristandade — já que nenhum outro povo que ajoelha e reza aos pés da Cruz pode ser mais devoto e crente do que o nosso.

Desde a modesta ermida à majestosa catedral, do campanário humilde às tôrres altaneiras das igrejas votivas, a alma portuguesa ergue-se sempre para Deus, confiada na sua misericórdia, vibrando ao fecundo calor da mais pura fé cristã. Por isso, não faz sentido que a noite de Natal seja entre vós celebrada com artefactos pagãos, quando se sabe que o deveria ser com o Menino no seu berço e sob a vigilância radiosa de Maria e José, a-par dos olhares de veneração dos três Magos.

E quanto nos dói ver a tradicional *consoada* — tão portuguesa e só nossa — desgraciosa e ingratamente substituída por ágapes de ementas estrangeiras!

Neste triste apagar de tradições seculares, que se estende pelo Mundo, regressemos nós ao Natal do bom Jesus — tal qual como era celebrado por nossos avós, para quem a vida terrena era um constante esfôrço de viril obediência à lei eterna de Deus.

BOAS ESTRADAS — ARREDORES DE VISEU — BELAS PAISAGENS

S. PEDRO-DO-SUL	TONDELA	MANGUALDE	SANTA-COMBA-DÃO
Termas de Alafões (S. Pedro-do-Sul) Águas sulfurosas sódicas, alcalinas, silicadas e radioactivas	Termas de Sangemil	Banhos de Alcafache	Igreja Matriz
Piscina de D. Afonso Henriques	Solar dos Condes de Felgueiras Solar dos Madeiras (em Vilar) Chafariz de Tondela	Palácio dos Condes de Anadia	Centro vinícola muito importante
Senhora da Guia no Monte Lafão	Excursões a: Campo de Besteiros Caramulo Caramulinho Cabeço da Neve	**CALDAS DA FELGUEIRA**	**CASTRO-DAIRE**
Mosteiro de S. Cristóvão	Palácio de Tomaz Ribeiro em Parada de Gonta	Estabelecimento balnear: Águas cloretadas, carbonatadas, sódicas	Igreja de S. Pedro
Palácio Hotel E vários Hotéis e Pensões		Grande Hotel Club Hotel Maial Hotel da Urgeiriça	A 7 km. Igreja da Ermida (estilo românico)
Passeios na reprêsa do rio Vouga			Trutas no rio Paiva
			A 8 km., as Termas do Carvalhal (águas sulfurosas)

O QUE HÁ PARA VER EM VISEU E SEUS ARREDORES

IGREJAS, MONUMENTOS, ETC.

Igreja da Sé (Fachada do Século XVII. Naves interiores com colunas do Século XII. Abóbada «dos nós», Manuelino do século XVI. Claustro Renascença, com colunas jónicas. A porta de ligação, lado leste, é românica)

Igreja da Misericórdia

Igreja dos Terceiros (século XVIII)

Igreja do Carmo (século XVIII)

Igreja de S. Miguel

Museu Grão Vasco

Museu Episcopal

Biblioteca Municipal

Govêrno Civil

(No edifício do Colégio ou Paço dos 3 Escalões anexo à Sé)

Edifício da Junta Autónoma das Estradas (século XVIII)

Museu Municipal Almeida Moreira

Quartel do G.° Art.ª Montanha (antigo Seminário: Escadas suspensas)

Cava de Viriato e Monumento a Viriato

Monumento ao Bispo de Viseu, D. José Alves Martins

Monumento aos Mortos da Grande Guerra

Monumento a Luís de Camões

Porta do Soar — Antiga muralha (século XVI)

Arco dos Cavaleiros — Antiga Porta da cidade

Casas Quinhentistas

Janelas geminadas na Rua Direita
Chafariz D. João V

OBJECTOS DE CARACTER REGIONAL

Cêstos de Vil-de-Moinhos

Rendas de Farminhão

Louça de barro prêto de Molelos

FESTAS, FEIRAS E ROMARIAS

Romaria de Nossa Senhora do Padrão, no 2.° domingo de Páscoa, na povoação de Boaldeia

Romaria de São João, a 24 de Junho, em Vil-de-Moinhos (a 1 km. de Viseu)

Romaria de Santana, no 1.° domingo depois de 26 de Julho, na povoação de Orgens, subúrbios da cidade

Romaria à Senhora da Saúde, no domingo a seguir a 15 de Agôsto, na povoação de Paradinha (a 2 km ao Sul da cidade)

Romaria de Santa Eufémia, a 15 de Setembro, na vizinha povoação de Ranhados

Romaria da Via Sacra, no domingo de Pascoela, na «Via Sacra», na cidade

Feira Franca anual, de São Mateus, de 10 a 30 de Setembro na cidade, no Largo da Ribeira — das mais importantes e animadas do País

DOÇARIA

Bolos de Amor
Bolos do Conde
Bolos de São Bento
Castanhas de ovos
Celestes
Ouriços
Papos de anjo
Tâmaras de ovos
Travesseiros de ovos moles

COZINHADOS REGIONAIS

Sopa-sêca
Leitão assado no forno
Vitela no espêto

TRANSPORTES

Em Caminho de ferro:

Linha do Vale do Vouga:
desde Espinho
desde Aveiro
desde Santa-Comba-Dão
(em ligação com outras linhas)

Em auto rail:

Desde Espinho

Em caminheta

ALOJAMENTOS

Hotel Avenida
Hotel Portugal
Hotel Regional
Pensão

DESPORTOS

Foot-ball

Basket-ball

Tennis

Patinagem

Campismo (no Parque do Fontelo)

Caça

Pesca (da truta)

EXCURSÕES

Alto de Santa Luzia (estrada de Abravezes)

Penedo da Saüdade (pela estrada de Tondela)

Convento de Orgens (pela estrada de Vil-de-Moinhos)

Jardim de Marvozelos

TERMAS

Caldas de Alcafache (a 14 km de Viseu)

São-Pedro-do-Sul (a 23 km)

Termas do Carvalhal (a 60 km)

Caldas-da-Felgueira (a 33 km)

Termas de Sangemil

VISEU

E SEUS ARREDORES

UM DOS ITINERÁRIOS TURÍSTICOS MAIS SUGESTIVOS, VARIADOS E BELOS DO NOSSO PAÍS, É O QUE TEM COMO PONTO DE PARTIDA A ACOLHEDORA CIDADE DE VISEU

REVOLUÇÃO TURÍSTICA

Podemos considerar, na verdade, uma hora revolucionária esta fase da vida turística de Portugal. Por isso, não deve malbaratar-se nem o tempo nem a oportunidade, alienando as possibilidades e vantagens que o Govêrno oferece a todos, sob pena de sermos acoimados pelos vindouros de mais ineptos ou incapazes do que muitos dos que nos antecederam.

O apetrechamento turístico, no nosso país, e nas condições actuais, dispondo de modestos recursos de acção, por um lado, mas dotado de belezas paisagísticas, monumentais e folclóricas e de muitos outros valores, por outro lado — entre as quais podemos, ainda que com aparente imodéstia, pôr em relêvo o quilate humano dos habitantes — tem de basear-se, mais do que no fomento de obras de carácter especial, na coordenação das actividades de vária origem, ou peculiares a organismos oficiais ou de esfôrço particular, de cuja execução derivem benefícios aproveitáveis para essa resultante nacional que se chama **Turismo.**

Limitadas as iniciativas por falta de meios próprios, fica ainda assim larga margem para a extensa e profunda actividade do organismo coordenador, desde que se lhe permita aconselhar o que pode fazer-se ou evitar-se no pormenor das grandes obras, utilizando-se do esfôrço comum, o que seja indispensável para a solução do magno e urgente problema turístico.

Alguns diplomas legais, recentemente promulgados pelo Govêrno, suscitaram os mais elogiosos e justos comentários da Imprensa; mas não pode dispensar-se esta revista de deixar aqui arquivado sincero aplauso e algumas palavras de incentivo, pois que cada um dêles encerra, na vasta doutrina contida nos seus articulados, os fundamentos de uma nova era de desenvolvimento do país.

Em verdade, trata-se de medidas do mais alto alcance para promover e facilitar o melhoramento do nosso nível geral, por abrangerem, na sua aplicação, todos os maiores agregados populacionais, interessando directa ou indirectamente todos os habitantes, e devendo ser, por isso, considerados diplomas basilares para o apetrechamento de Portugal, através de uma criteriosa coordenação dos seus valores, entre os quais é indispensável considerar, sempre em plano de relêvo, o nosso turismo, nas suas projecções interna e internacional. Referimo-nos aos decretos sôbre abastecimento de água potável a tôdas as sedes de concelho e conseqüentes obras de saneamento geral, ao grande plano rodoviário, ao decreto que promove grandes melhoramentos nos portos de mar — êstes promulgados pelo Ministério das Obras Públicas e Comunicações — e aos diplomas sôbre condicionamento industrial e ao plano de electrificação do país, que pelo Ministério da Economia foram submetidos ao parecer da Câmara Corporativa, depois de aprovados em Conselho de Ministros.

E já que se especificam diplomas legais, não será dispiciendo recordar o que já estava legislado sôbre urbanização e especialmente o decreto das contas públicas, — base de ressurreição nacional e de certeza de que as obras terão completo e rápido fim — e através do qual podemos evocar com assombro o caos donde partimos, a doutrina seguida e a realidade que se mantém e prossegue.

Entre os milhares de páginas dos «Diários do Govêrno» terão especial significado para os vindouros as que inserem êstes decretos, iluminados por um esfôrço construtivo que pouco tempo antes os contemporâneos não sonhariam ser possível e dificilmente será excedido em desejo e realidade de melhorar as condições de vida da grei e a projecção do país entre os mais adiantados do mundo.

Traçar, ainda que em rápida síntese, o que pode conseguir-se, conjugando um criterioso plano de urbanização com os resultados de utilidade imediata e sumptuária que hão-de derivar destas leis e da sua inteligente aplicação, não é tarefa fácil num simples bosquejo panorâmico. Fiquemo-nos, pois, a idealizar, neste ou naquele pormenor, o que será mais do nosso gôsto para o embelezamento de um ou outro local e que cada qual, como testemunha do seu tempo, traga um aplauso ao que vir realizar de útil, ajude com esclarecida crítica o que porventura lhe pareça susceptível de melhor orientação, faça um depoimento, enfim, neste solene acto de justiça que o Govêrno concedeu ao País — para que todos beneficiem da esclarecida congregação das boas vontades, libertando-nos do pelourinho da incapacidade a que os vindouros nos amarrariam, se não soubéssemos ser dignos do nosso tempo.

Podemos afoitamente afirmar que não viverá muito quem não vir satisfeita a legítima aspiração de percorrer o país e poder viver em qualquer recanto com satisfação e orgulho, ou de contemplar Lisboa, se não expurgada ainda de tôdas as impropriedades — que erros, vícios e maus hábitos, somados em séculos, fizeram acumular ou espalhar por onde não deveriam estar — ao menos dignificada com obras de vulto e alargada no seu perímetro em criteriosas directrizes da urbanização. Uma direcção e altura arquitectónica de novos conceitos estéticos substituirão as curtas visões com que governantes e edis asfixiavam de mediocridade a capital e a província.

Não será visionário querer conceber em próximo futuro uma Lisboa verdadeiramente grande e digna do justo qualificativo de capital de um Império criador de Impérios.

A expansão chamará uma maior população; a majestade ensinará novos hábitos; a civilização imporá novos gostos e mais apurada sensibilidade, mais sadia ocupação do tempo, melhor aproveitamento dos ócios — afugentando, finalmente, certa tendência para a rotina e restos de um **provincianismo** que ainda grassa endèmicamente, como zonas leprosas, no seu corpo social. Assim como já hoje podemos utilizar e admirar as amplas saídas de Lisboa, teremos a eventração das colinas, a desinfecção dêsses formigueiros dos bairros chamados populares, a simpatia pelos parques, jardins e arredores (sem ossos de pic-niques, sem môscas e sem dessociáveis salsifrés) a reconciliação do lisboeta com o seu rio, que poderá ir admirar no esverdeado da sua mansa corrente, no suave encapelado das suas ondas ou na tonificante aragem e nos coloridos poentes das tardes de estio — de uma balaüstrada que remate por uma avenida bem traçada, a jóia arquitectónica do Terreiro do Paço. O rio, alfa e ómega da nossa grande História, será, de novo, razão maior do nosso futuro promissor; e as suas margens, unidas por qualquer forma tècnicamente perfeita, ensinarão ao citadino os prazeres da fuga até ao campo, à praia ou à montanha, que aqui e além, no contraste entre o agro produtor, as residências levantadas com gôsto, ou o mar que sempre nos foi fiel, serão, cada vez mais, novos motivos para melhores emprêsas de portugueses empreendedores. Tornar-se-á fácil também ao arrabaldino um mais íntimo convívio com as actividades diárias da vida da cidade, tornando acessível o que fôr distante ou remotamente conhecido, esbatendo a desconfiança ou o mêdo que corrói a personalidade dos camponeses e lhes diminui as possibilidades ou o interêsse de acesso ao nível social dos nossos dias, mais elevado e mais digno.

Na selecção e aproveitamento de valores materiais e humanos, na coordenação do antigo com o moderno, numa fusão ou separação que se traduz no total em harmonia e realce dos elementos estéticos de urbanização, há ainda uma grande obra a fazer, quer nos chamados bairros de Lisboa — antigos e modernos — quer nos de tantas cida-

des, vilas e aldeias, no sentido de os higienizar, urbanizar e integrar, com a sua tradicional fisionomia, no conjunto geral que torna belos os aglomerados, dignificando-os libertando-os do desnecessário ou prejudicial, sem falsos arrebiques, excrescências inúteis ou pensos mal feitos a cobrir mazelas que pedem tratamento radical...

Higiene e velhice não são incompatíveis. Para as conciliar, porém torna-se indispensável compreender e saber, antes de executar. Mais vale, muitas vezes, o camartelo demolidor, do que a reconstrução por artista remendão ou o bonitinho feito para satisfazer o gôsto bairrista do modernista de mau gôsto.

Um bairro antigo, como um solar enobrecido pela tradição, pede o arranjo interior, o saneamento, a integração do seu recheio em condições de acôrdo com o viver de hoje, mas não pode tolerar inovações exteriores que lhe alterem a linha e o estilo. Demolir o inútil, melhorar os acessos e as condições de circulação para facilitar o trânsito, reduzir o número de habitantes, distribuir com gôsto a iluminação e com largueza a água, facilitar e auxiliar o arranjo das lojas segundo os hábitos locais, procurando mesmo chamar ali aquêle género de comércio que deveria ou poderia lá ter o seu «emplacement» natural — são pormenores a ter sempre presentes em cada nova obra ou adaptação a fazer.

Não é freqüente vermos a paisagem ultrajada com uma construção de linhas feias. Mas algumas vezes, um edifício de sóbria traça a indicar bom gôsto de outras eras, é abastardado por um horrível mirante ou desfeado por uma pretensiosa reconstrução posterior, que tem como característica apenas o possidonismo da sua grandeza.

Não reprovamos tantas vezes o proprietário que faz construir avultado palacete, rico de cantarias ou ornamentos, espelhante de azulejos ou berrante de côr, de porta escancarada sôbre a berma da estrada, quando uma simples nesga de jardim ou parque frondoso, bastaria para melhorar o conceito que fazemos de tanta riqueza?

Pois mais delicadas são as soluções a encontrar para a integração dos bairros numa inteligente estética urbana e de cada rua, largo, logradouro ou edifício, no conjunto geral, valorizando o pormenor. Mas se ainda há faltas, a obra já realizada é imensa e a penetração de novas idéias e a reeducação do gôsto, nos vários planos sociais, é consoladoramente sensível. Por isso, o alcance e a repercussão das medidas legais promulgadas e aqui referidas, não podem ainda avaliar-se, mas podem e devem ser considerados como o início de uma nova era de progresso. De um extremo ao outro do País, cidades, vilas e aldeias, a casa e o campo, a serra e o mar, tudo beneficiará dêste sôpro de renovação e de reintegração, acelerando a vida e acertando o seu ritmo com o dos nossos dias.

Portugal continua a ser exemplo de ordem construtiva. Quando, ao fim da catástrofe destruidora que agita o mundo de um extremo ao outro, noções e conceitos tiverem de ser convocados, os grandes valores de reserva moral que hão-de justamente ser considerados cabeças de ponte, entre um passado de saüdade e um futuro de esperança, afirmarão a sua indestrutível realidade e a dos povos que, como o nosso, se lhes mantiveram fiéis. A guerra — quem diria que até neste particular o grande cataclismo que tantos faz sofrer poderia ser invocado para o grande acto de contrição e para termos mais juízo no futuro! — suspendeu a fúria em frente de alguns monumentos e cidades históricas, mas não hesitou diante dos bairros novos ou dos grandes edifícios modernos. Não sejamos pois mais insensatos que ela própria, sabendo conservar o bom e sabendo inutilizar o mau. Dêste critério de bom senso desanuviado resultará um remoçar da paisagem portuguesa, — tanto da paisagem natural, como da das consciências.

T. de A.

INICIATIVAS E REALIZAÇÕES

A REGULAMENTAÇÃO DO S. N. I. C. P. E OS SERVIÇOS DE TURISMO

É do seguinte teor o capítulo respeitante aos Serviços de Turismo, inserto no Regulamento, recentemente publicado, do Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo:

ACÇÃO TURISTICA

Artigo 23.º: Pertence especialmente ao Secretariado, quanto ao turismo:

1.º — Elaborar planos gerais de turismo e assegurar a sua realização;

2.º — Reünir tôda a documentação relacionada com o turismo em Portugal;

3.º — Informar o público sôbre tudo que interesse ao turismo, através das suas agências e postos;

4.º — Editar publicações de divulgação das belezas naturais, das riquezas artísticas, do património monumental e do pitoresco geográfico do País, com vista ao desenvolvimento do turismo;

5.º — Utilizar, para o mesmo fim, a Imprensa periódica, a rádio e o cinema;

6.º — Fiscalizar, no aspecto da ética e da forma, as publicações de turismo editadas por quaisquer entidades;

7.º — Organizar concursos de turismo;

8.º — Promover a expansão do excursionismo, do campismo, da caça e da pesca desportiva;

9.º — Assegurar a representação de Portugal em congressos internacionais de turismo;

10.º — Garantir o contacto com os organismos estrangeiros directa ou indirectamente relacionados com o turismo em Portugal;

ORIENTAÇÃO E FISCALIZAÇÃO EFECTIVA DA INDUSTRIA HOTELEIRA

11.º — Orientar e fiscalizar, no aspecto higiénico, teórico e de gôsto, a exploração da indústria hoteleira, incluindo hoteis, pensões, pousadas, estalagens, restaurantes, cafés, casas de chá, «bars» e estabelecimentos similares, podendo, inclusive, determinar o seu encerramento quando o aconselhe a deficiência dos serviços ou das condições sanitárias;

12.º — Exercer a mesma acção relativamente às mais actividades directamente relacionadas com o turismo e naquilo que a êste interêsse, designadamente emprêsas de excursões e de transportes automóveis, guias, intérpretes, guias-intérpretes e vendedores de artigos regionais e recordações de viagem;

13.º — Resolver sôbre a classificação dos estabelecimentos hoteleiros e o uso da designação «hotel» e visar as respectivas tabelas de preços;

14.º — Dar parecer sôbre os projectos para construção, adaptação e modificação de estabelecimentos hoteleiros e similares;

15.º — Resolver os processos sôbre rescisão de contratos de exploração e sublocação de hóteis nos termos do artigo 9.º do decreto n.º 19.101, de 4 de Dezembro de 1930;

16.º — Orientar a formação técnica do pessoal especializado que se destine à indústria hoteleira, ao serviço de guias, intérpretes e guias-intérpretes e à venda de artigos regionais e recordações de viagem;

ESCOLAS HOTELEIRAS E POUSADAS

17.º — Promover a criação de escolas hoteleiras;

18.º — Assegurar a conservação e melhoramento das pousadas regionais, adjudicar a sua exploração, orientá-la e inspeccioná-la;

19.º — Informar os assuntos que digam respeito à concessão de crédito às emprêsas hoteleiras;

20.º — Propôr ou pronunciar-se sôbre a criação de zonas de turismo, nos termos do § 1.º do artigo 117.º do Código Administrativo;

21.º — Classificar os sítios e locais de turismo, delimitando a respectiva área;

22.º — Velar pelo pitoresco das zonas, sítios ou locais próprios para turismo, de modo que não sejam prejudicados por obras, demolições, cortes de árvores ou destruïções de qualquer espécie;

23.º — Promover o policiamento especial dos locais de turismo;

24.º — Fiscalizar a cobrança das taxas e impostos de turismo;

25.º — Realizar, de acôrdo com a Agência Geral das Colónias, um programa de expansão turística em que se incluam os territórios ultramarinos do Império Português;

26.º — Elaborar o Estatuto do Turismo.

Art. 24.º: Nenhuma publicação de turismo poderá circular sem o visto prévio do Secretariado, nos termos do n.º 6.º do artigo anterior.

Art. 25.º: A instalação e exploração dos estabelecimentos hoteleiros fundados por iniciativa dos órgãos locais de turismo são orientadas pelo Secretariado.

EXPANSÃO E ACÇÃO COORDENADORA DO TURISMO

Art. 26.º: Os financiamentos da Caixa Nacional de Crédito, a isenção de direitos aduaneiros da contribuïção predial e da contribuïção industrial a conceder às emprêsas que constituírem, remodelarem e explorarem hóteis sob a orientação do Secretariado, devem ser precedidos do parecer favorável dêste organismo.

Art. 27.º: Fica também dependente de informação favorável do Secretariado a comparticipação do Fundo de Desemprêgo em obras e melhoramentos locais de directo interêsse turístico na área das zonas de turismo.

Art. 28: Os planos de actividade turística elaborados pelas juntas ou comissões municipais de turismo serão submetidos, acompanhados dos respectivos orçamentos, à aprovação do Secretariado, e sem esta não poderão ser executados.

Art. 29.º: O Secretariado poderá propôr ao Ministro do Interior a dissolução das juntas e comissões de turismo, quando motivos ponderosos o justifiquem, e a sua substituïção por comissões administrativas, não podendo ser reconstituídos tais organismos senão decorrido um ano a contar da data em que forem dissolvidos.

Art. 3.º: Todos os serviços públicos têem o dever de colaborar com o Secretariado na acção que vise ao desenvolvimento do turismo, prestando-lhe o apoio que lhes fôr possível nas matérias da sua competência.

Esta disposição compreende, nomeadamente, os Serviços de Saúde e de Assistência, a Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, a Junta Autónoma de Estradas, a Administração Geral do Pôrto de Lisboa, os Serviços de Minas e Geológicos, os Serviços Florestais e outros serviços respeitantes às comunicações, às capitanias dos portos e à Polícia de Segurança Pública.

Tabuletas, cartazes, ementas, anúncios, rèclamos, etc.

O Secretariado da Propaganda Nacional fêz publicar, há pouco, em tôda a Imprensa do país, uma nota de que extraímos os seguintes passos — chamando para êles a atenção dos interessados:

«Os Serviços de Turismo do Secretariado Nacional de Informação e Cultura Popular suscitam aos senhores industriais hoteleiros a observância do decreto n.º 17.950, de 6 de Fevereiro de 1930, que determina o seguinte:

Artigo 1.º: É proïbido o uso da língua estrangeira nas tabuletas, cartazes, anúncios, réclamos, marcas de fábricas e de comércio nacionais, e bem assim nas listas das mesas de hóteis, restaurantes, casas de pasto e outros estabelecimentos similares, ainda que instalados em «clubes» ou casas de recreio sujeitos à fiscalização administrativa e policial.

§ 1.º Do disposto nêste artigo exceptuam-se:

... ...

6.º Os cartazes, anúncios e réclamos e listas de mesa que forem precedidos do original em português, escrito, impresso ou de outro modo publicado em caracteres de dimensões nunca inferiores às da tradução estrangeira.

7. O emprêgo nas listas de mesa, cartazes, anúncios e réclamos de palavras que não tenham correspondentes em português.

8.º O emprêgo, em tôdas as espécies previstas no corpo do artigo, de palavras latinas.

... ...

§ 2.º Para os efeitos dêste considera-se tabuleta não só a peça ou quadro de madeira ou de outra substância colocado na frente do estabelecimento, como também a inscrição que, com o mesmo fim da tabuleta, se encontrar directamente inserta na parede do mesmo estabelecimento.

Os Serviços de Turismo, ao relembrarem estas disposições da lei, têem em vista, muito especialmente, pôr têrmo à pretensiosa forma por que algumas listas e ementas de estabelecimentos hoteleiros e similares são preenchidas, quer em língua estrangeira apenas, quer com composição e ortografia incorrectas».

Turismo de Espinho e Figueira da Foz

O Secretário Nacional de Informação visitou, recentemente, a vila de Espinho, onde trocou impressões com o presidente da Câmara acêrca do plano de actividades da Comissão Municipal de Turismo.

Aquela autoridade administrativa, no melhor espírito de compreensão das disposições do decreto que reformou os Serviços de Turismo e da acção a desenvolver pelo Secretariado Nacional de Informação, prontificou-se, com todo o entusiasmo, a trabalhar de acôrdo com a orientação dada por êste organismo à obra turística, submetendo ao seu parecer todos os planos de actividade da Comissão, planos que devem considerar-se como sendo do maior alcance para a valorização da vila de Espinho, sob o ponto de vista turístico.

O sr. Secretário Nacional de Informação visitou também no mesmo dia e com igual fim, a Figueira da Foz, onde convocou uma reünião da Comissão Municipal de Turismo desta localidade. Durante a reünião o sr. António Ferro, em conversa com o sr. presidente da Câmara Municipal e os restantes membros da Comissão de Turismo, expôs os fins que houve em vista ao fazer-se a reforma do Secretariado Nacional de Informação, no que respeita ao capítulo Turismo, aproveitando a oportunidade para dar esclarecimentos sôbre alguns pontos dessa reforma e para afirmar que a obra turística do País, para ser eficaz, precisa de ser realizada através de uma íntima colaboração de todos os órgãos locais com os serviços do Secretariado, considerando-se êste como órgão orientador de tôda a acção turística nacional.

Após a reünião, o sr. António Ferro visitou ainda alguns locais da cidade onde podem ser levados a efeito alguns dos principais melhoramentos previstos no plano de actividades da Comissão de Turismo. Fêz também uma visita aos hóteis, a-fim-de observar as condições do seu funcionamento, dando conselhos e sugerindo algumas modificações que muito poderão contribuir para o melhoramento dessas casas.

Aviação de turismo

Na visita de cumprimentos há pouco tempo feita pela direcção do Aero-Clube de Portugal ao director do Secretariado da Aeronáutica Civil, o Sr. tenente-coronel Carlos Magalhães, na qualidade de presidente daquela colectividade, expôs uma série de aspirações da aviação de turismo, entre as quais salientou: — a revisão de subsídios às escolas pela formação de pilôtos; a criação de um campo destinado especialmente à aviação de turismo, e um auxílio ao Aéro-Clube para poder manter-se no nível que lhe compete.

O Sr. tenente-coronel Humberto Delgado declarou que o assunto já tinha merecido a sua espontânea atenção, e tanto assim, que havia ordenado a um dos seus adjuntos que organizasse um inquérito que lhe permitisse traçar uma obra de conjunto, em necessidades e próximas realizações.

Algum tempo depois, os jornais noticiaram uma visita efectuada pelos director e sub-director do referido Secretariado às quintas do Marquês e das Lombas, em Oeiras e S. Julião da Barra, para as bases de um estudo a fazer-se sôbre as possibilidades da construção de dois campos de aviação civil.

Está também previsto o estudo de idêntica obra num vasto terreno na Lousa, na região de Loures.

A Lousã não é esquecida

Antes da viagem a que se refere a notícia que mais acima publicamos, o Sr. António Ferro, à volta de um passeio por diversas regiões turísticas do Minho, parou na vila da Lousã, onde o aguardavam o Sr. presidente da Câmara Municipal e outras entidades oficiais. Na troca de impressões que se seguiu, foi dada especial atenção ao aproveitamento turístico do lugar de N.ª Senhora da Piedade, em plena serra, que é, sem dúvida, um dos mais pitorescos recantos do País, sendo depois estudada, *in loco*, e com a assistência técnica do arquitecto Jorge Segurado, a possibilidade de ser construída ali uma Pousada de Turismo.

«Panorama» regista

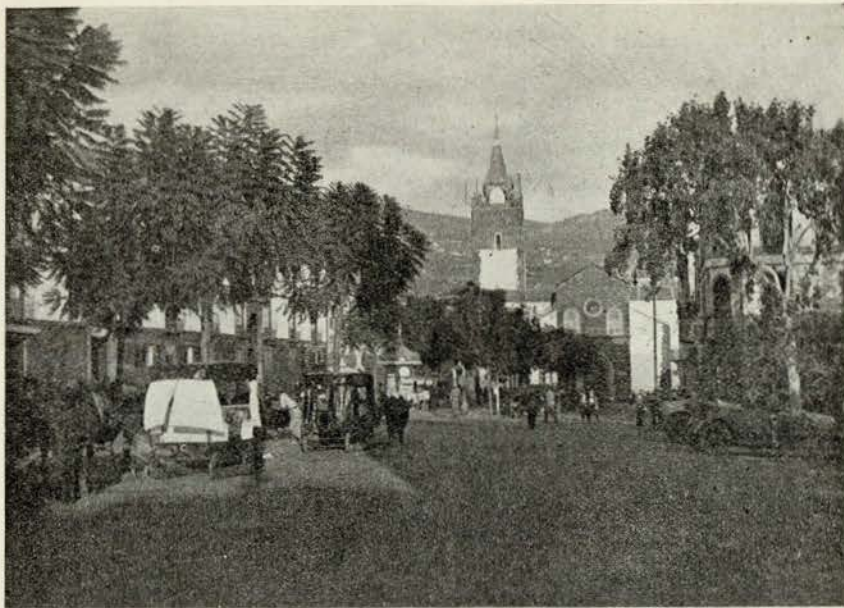
★ O aparecimento do 1.º volume do notável trabalho de Ferreira de Andrade, «A Freguesia de S. Cristóvão», numa excelente edição, profusamente ilustrada, que faz parte das «Publicações culturais da Câmara Municipal de Lisboa».

★ A curiosa monografia «Lenda de Coimbra» *(Velha cidade portuguesa, vista pelos olhos inocentes de um estrangeiro)*, que o Dr. Kurt Saaelfeld recentemente publicou, com o texto em português e alemão.

★ O interêsse, tanto literário como gráfico, que continua a oferecer o Boletim «Douro-Litoral», editado pela Junta de Província do mesmo nome, e de que saíu, há pouco, o 1.º fascículo da 2.ª série.

★ As justas aspirações de Figueira de Castelo Rodrigo, para que nela se realizem algumas obras indispensáveis ao seu desenvolvimento turístico — o qual, por vários títulos, merece.

★ O fôgo sagrado com que algumas terras do País alimentaram mais uma vez, êste ano, a bela tradição das *Festas das Colheitas* e, em especial — pelo brilho do programa e o êxito que alcançou — a freguesia minhota de Santa Marta de Portuzêlo.

★ A iniciativa da *Sociedade Propaganda da Costa do Sol*, da realização de um Concurso de Fotografias de Turismo.

COSTUMES MADEIRENSES

CARREIROS DO MONTE

SOBRANCEIRA, tornejando o Funchal, ergue-se, como jardim suspenso, airosa e garrida, a freguesia do Monte. Os passeios, em ziguezague, ladeados por hortênsias branco-azuis, por tufos de buxo e cobertos de frondoso arvoredo, sobem até aos pés de alta escadaria, onde, no cimo, se abre a porta de um velho templo cristão.

A cidade orgulha-se dêsse recanto paradisíaco, fresco e saüdável, e exibe-o, alcandorando-o.

Como cordel ou cajado, atirado ao acaso, desenha-se, serpenteante, o caminho estreito e íngreme do Monte. Caminho antigo, sem um palmo de terra chã, calcetado a pedra miúda, desigual, polida pela trave encebada das zorras e pelos pés de muitas gerações! Caminho velho, contornando quintas, sempre comprimido entre casas caiadas e batido pelo Sol. Caminho do Monte — caminho de vertigem, dos carros doidos a descer...

— Ala, abaixo! — Afastem-se!!

E o caminho treme sob o carro em disparada vertiginosa, rumo à cidade.

Carro do Monte é trenó feito de vimes; zorra rasteira, polida a cebo, com bancada para dois ou três passageiros. Dos lados, corda solta, à guisa de tirante guiador, que, pela retaguarda, dois homens seguram. E os homens correm, porque só a sua carreira orienta a loucura da velocidade. Seus pés são os únicos travões dêsse carro sem freio. De quando em quando, saltam para os varais da zorra — um dos pés, cuidadoso, sempre a tocar o piso — e lá vão sorridentes, confiados na sua destreza, orgulhosos da responsabilidade que pesa sôbre os seus ombros e com a vaidade de que um Chefe de Estado, um príncipe ou um simples turista se sentou em seu carro, confiando nêles...

— Ala, abaixo! É afastar!

E o trenó desliza, voa sôbre o empedrado escorregadio, a cinqüenta, talvez a oitenta à hora... Rabeia nas curvas apertadas, onde dois carros não cabem; mas passa, anda, corre sempre...

— Ei lá!

A velocidade aumenta. Os passageiros empalidecem. Têem a respiração suspensa e um sorriso indeciso... Mêdo?

— Não tenham mêdo. Isto foi feito para andar...

Aproxima-se outra curva. É mais estreita ainda. A parede cresce na esquina fatal... É agora! O ar, que os sufoca, pela vertigem, foge dos pulmões. A gargante seca. Os olhos abrem-se...

— Ah!...

E o carro passou, sem tocar de leve a cal da parede. Passou e continua, sem hesitações nem paragens. Anda, corre, voa na calçada, como se na calçada houvesse *rails* e os *rails* se estendessem em linha tonta.

Mêdo? Êsses homens não se lembram de terem tido um desastre! A arte de saber guiar êsses trenós, nasceu com êles. Seus pais e avós transmitiram-lhes, hereditàriamente, o sentido da atenção, o sangue frio, a rijeza das pernas e dos braços, o «fôlego de gato» e a nobreza de um carácter que nunca esquece o preço de uma vida.

Feita a meia dúzia de quilómetros do trajecto, o passageiro respira fundo, apeia-se, ri e sente vontade de repetir aquela viagem de «montanha russa».

Resfolgando, o carreiro mete no bôlso umas moedas de prata e descansa uns minutos. Depois, empina o trenó, mete-lhe os ombros e ala, caminho acima, sempre a subir, sob um pêso de uns cinqüenta quilos.

Anda-que-anda, até galgar uma altitude de seiscentos metros. Queimam-lhe os pés dentro das botas chãs; a camisa, ensopada em suor, prende-se-lhe ao busto e o seu fato branco, tradicional, está sujo de poeira.

Anda-que-anda... Mas quando chegar ao Monte — aquêle lugar lindo e fresco, onde o verde da vegetação tem mil tons e a água é cristalina — há-de encontrar o afago de um recanto de sombra e o beijo inocente de um filho pequenino.

JOÃO FRANÇA

VISEU

(Continuação)

Na rua Direita — rua estreita e sinuosa que pelo pitoresco das suas habitações e do seu variado comércio é a mais interessante artéria da cidade — contam-se bastantes edifícios de várias épocas e a rua Grão Vasco (antiga rua dos Balcões) tem dignos de registo alguns prédios muito curiosos com andares salientes, assentes em colunas de granito. A espaços, ao percorrerem-se as ruas, surgem trechos de tal modo característicos, que fazem reconstituir cenas de maravilhoso sabor histórico.

De todos os monumentos é a Sé o mais valioso, com o Museu Grão Vasco que lhe está adjacente, instalado nas melhores dependências do Paço dos Três Escalões ou do Colégio, que foi Palácio Episcopal.

Construída no século XII, foi-se alterando bastante com o andar dos tempos. A fachada imponente mas desgraciosa é do século XVII, entre duas tôrres românicas, cujas partes superiores foram modificadas. O interior é notável pela elegância das ogivas com colunas do século XII e pela simplicidade decorativa da tão original abóbada manuelina, artìsticamente encordoada e enodada em granito, por isso chamada ***abóbada dos nós***. O claustro de arcarias assentes em colunas jónicas é uma formosa obra da Renascença.

Avultam entre os elementos mais antigos da Sé a lindíssima porta do período da transição românico-ogival, «posta a descoberto em 1919, com seis arquivoltas de arco quebrado, adornadas de cravos, quatro das quais assentes em colunas curtas elevadas sôbre altos pedestais. A imagem da Virgem, que ocupa um nicho sôbre o fecho da arcada, é de gôsto românico, segurando a Senhora o Menino sentado de frente, nos joelhos».

No côro há um rico e artístico cadeiral, de madeira do Brasil, e no altar-mor, uma imagem da Virgem, em pedra, do século XIII. A sacristia possui, entre várias preciosidades, uma imagem de Cristo em marfim, valiosos paramentos e magníficos azulejos do século XVII.

Não se julgue, porém, que está tudo dito sôbre a Sé — não só o aqui mencionado tem importantes riquezas de pormenor que não se especificaram, como ainda possui outros aspectos e obras de arte.

Tem, também, merecimento o Paço Episcopal, situado no Fontelo, que embora sem beleza arquitectónica que o distinga, vale, no entanto, pela extensa e ameníssima mata que conta muitas árvores seculares e pelos pontos de vista sôbre a cidade. Aí pode admirar, à entrada, um pórtico do século XVI rematado por uma bela cruz de granito.

Viseu — romana, visigoda, medieval, renascentista e moderna — foi e mantém-se centro vital de uma importante província, mercê da privilegiada localização que lhe deram os seus fundadores e também do espírito empreendedor dos seus habitantes, animados pelo mais puro sentimento beirão e lusíada que ainda hoje permanece vivo.

AVENIDA FONTES • LISBOA • PORTUGAL

A POESIA DO INVERNO

(Continuação)

Tôda a humana ínquietação se abolia do meu pensamento, suspensa entre a terra e o sonho. Rodeava-me um ar de festa, que não sabia se provinha do rumor de falas e gargalhadas, vindas da rua e do jardim, se da própria atmosfera.

O colchão fôfo provocava-me bem estar. Amores bochechudos e ingénuos, ligados por grinaldas de flores, davam as mãos na parede. E de repente, saíram da sua compostura forçada e começaram a bailar à volta da cama, brincando às escondidas por detrás do espelho e do majestoso guarda-fato de pau-santo.

Quando, ao fim, se recolheram, levantei-me e abri a janela. Ema, sorridente e maternal, passeava na horta com Mariana. A pequena, muito excitada, corria à frente do *Honky-Tonk* — um cachorro de poucos meses.

— Bom dia! só agora apareces?

Prometi juntar-me a elas, imediatamente, mas permaneci no mesmo sítio.

Mancha ensoalheirada, a água do tanque rebrilhava, e as laranjeiras eram por certo as árvores de frutos doirados sob o céu mais sereno das histórias de fadas. ¿Onde estava o inverno, sinónimo de cinzento e de chuva? Na noite negra da minha vinda, ficara na outra margem.

Contam os homens as estações pelos calendários. Longe, na capital, entre os prédios altos e as luzes que ao lusco-fusco realçam as mulheres bonitas, ou nos compartimentos sombrios onde se consomem, olhando os retalhos azuis, a que chamam céu, como hão-de saber?! Como hão-de sentir o rumor de gestações do ventre da terra, a promessa vibrante que se pressente logo após as primeiras chuvas, e esta exalação vegetal — respiração de mil vidas?

*
* *

Na vila quieta, com o sol a chispar brancuras nas paredes caiadas, apesar de o dia festivo lhe imprimir maior animação, não havia muito onde entreter o tempo.

De mais eu não fôra para aprisionar-me. Torturava-me um desejo maior, sêde ilimitada de amplidão, que a cidade não matava. Ao almôço, não hesitei em dizer à Ema e ao Fernando quanto gostaria de voltar ao vale de Asseiceira, antes de partir. A minha estada não podia prolongar-se; devia tornar à vida trabalhosa de cada dia, e, sobretudo ao pêso da solidão, que me acorrentava à terra. Queria guardar comigo luz bastante a satisfazer-me por muito tempo.

— É a Lúcia quem determina — disse êle, condescente e amável. Queimado de sóis, tinha um aspecto rude que contrastava com uma grande bonomia. Saímos pelas duas horas, pois o vale fica longe e em Dezembro anoitece cedo. Não chovia há alguns dias e, se não fôsse o frio cortante, julgar-nos-íamos em plena primavera. Mal deixámos para trás as casas velhas, contruídas quando do último terremoto, entrámos na estrada branca, ladeada por vinhas de troncos nus e torcidos, e por oliveiras prateadas ao sol. Depois, veio a planície coberta por trigais e fenos de palmo, e o Sorraia, correndo, claro e transparente, como menino ajuïzado no seu leito...

Mariana, que trouxera consigo *Honky-Tonk,* empregava mil esforços para mantê-lo sossegado, e a mãe coadjuvava-a, rindo e falando alegremente.

— Se não tens juízo, não te darei sobremesa hoje — dizia a pequena muito séria, para o cachorro que teimava em saltar-lhe do colo.

A POESIA DO INVERNO

(Continuação)

O carro rodava, rodava. E eu, calada, cada vez me ligava mais à paisagem. Alma e corpo consubstanciavam-se, para entregar-me e fundir-me na natureza áspera que me rodeava. As lembranças do tempo ali passado vinham-me nítidas, em tropel, mas não arrastavam dor consigo.

Deixei de sentir o vazio das horas sem fim. Era uma partícula da Terra, do Universo, eu própria imagem dêle. Fôsse a vida qual fôsse, tudo representava harmonia, e um dobar de meada, natural e lógico. Na região adusta de pinheiros e chaparrais, não se enxergava mais que, muito além, um casal perdido — uma grande cegonha de asas abertas.

Como dia festivo, não se via presença humana. Nem trabalhadores, nem pastores: a tranqüilidade do princípio dos Tempos. O tojo floria a charneca em manchas amareladas; e, ao sol, desprendia-se das plantas em modorra um cheiro acre de vida intensa.

No mato cerrado o carro não encontrava trilho; tôdas cobertas por flora luxuriante, as vertentes que conduzem ao vale. É selvagem a beleza do lugar. No inverno as fôlhas verdes ganham em tonalidade; lá em baixo, os charcos pasmados são mais límpidos, com estranhas cintilações, menos negros os tufos de juncos e canaviais que crescem no emaranhado dos pântanos. Os salgueiros rasgados cantavam ao vento, enquanto corvos de asas negro azuladas passavam voando, e as primeiras cegonhas chegadas se debruçavam, estáticas, logo assustadas à passagem do carro. E sôbre tôda esta terra — quer baixa, pantanosas e parda, quer esverdeada — caía uma verdadeira orgia de opala e azul pálido da tarde, no qual não éramos mais do que coisas flutuantes.

Meus vestidos, minha carne, não existiam; eu própria me julgava tornada em claridade. Nunca, como então, a palavra *luz* se poderia ligar ao seu significado total. A diafaneidade do ar era tamanha, que aquêles tons de lilás e rosa não podiam representar um simples entardecer; vinham de longe, de outra idade, — eram os mesmos do dia do nascimento de Cristo. Aboliam-se espaço e tempo, e havia apenas almas.

Eu passara naquele local anos atrás, antes de partir para o Mundo, quando à minha volta divisava rostos que já não existem, risos de meninas que o vendaval da vida fustigou.

A verdade, porém, é que nunca fôra tão perfeita a minha comunhão com a paisagem. Pela primeira vez compreendi que de todo êsse amassado de angústias, dores e deslumbramentos, resultava uma terra melhor, na qual a existência brotava em aceitação do destino e entendimento com a natureza.

João? — Uma sombra como tantas, sumindo-se na corrente...

Arrefecia, e o regresso fêz-se mais rápido. Mariana, com as faces e o narizito arrebitado, vermelho, lamentava-se, creio que mais por *Honky-Tonk* do que por ela. Ema temia pela minha saúde abalada. O ar era um elemento visível, azulado como o céu, onde as árvores se destacavam de um verde opaco. Uma espécie de cantilena em surdina, um ferir de notas, como música que subisse abafada das entranhas da terra, derramava-se no espaço. Por detrás dos chaparrais, o sol morria numa queimada gigantesca. O delírio de luminosidade afugentava preocupações, cortava ligação com o cotidiano e tôdas as solicitações imperiosas de viver.

A margem de lá conduzira-me a uma pátria diferente.

MARIA DA GRAÇA AZAMBUJA

VELHO PORTO **KROHN** COLHEITA DE 1834

WIESE & KROHN, SUCS.

VILA NOVA DE GAIA ★ PORTUGAL